

O CORREIO

Director
Jorge Santos

SEMENARIO MONARCHICO

Editor
José Antonio Fontes, Sobrinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 67 — Porto.
Agente em Paris: Alvaro Pisheiro Chagas — 6, Rue Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO
1.º ANNO — N.º 14 — Avulso 20 rs.
Sabbado, 8 de Março de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 1\$000 reis — Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3\$000 reis). Series de 26 n.ºs, 8 francos (ou 1\$500 reis). Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

A Republica e o Ultramar portuguez — AYRES D'ORNELLAS.
Notas de um lisboeta — ANSELMO.
Echos.
Julião Duarte Monteiro.
Os bons tempos da tropa — S. P.
Episodios da primeira incursão monarchica — Um rasgo d'audacia — JOAQUIM LEITÃO.
Semana mundana.
O serviço militar — SATURIO PIRES.
Folhetim — A Chica — Em Cascaes — ANSELMO.
Republica e Monarchia — H. DE PAIVA COUCEIRO.
As cadeias da Republica — Padre Avelino de Figueiredo — J. L.
Carta de Lisboa.

A Republica e o Ultramar portuguez

No primeiro artigo que escrevemos logo no primeiro numero d'este seminario — *Portugal na balança da Europa* — apontavamos como o simples facto da existencia da Republica constituiu um perigo nacional; como em presenca da politica de entendimentos em que entrara a Gran-Bretanha, a existencia de uma nacionalidade decapitada, fornecia perigosamente a materia prima para que essa fórmula geral se effectuasse. A Gran-Bretanha já reconhecera a necessidade de dar uma sahida a expansão da sua rival. E o ponto do globo onde essa expansão criaria menores dificuldades, tambem diziamos ser a Africa, e n'aquella região para onde o accordo franco-allemao de novembro de 1911 deixara ameaçadoramente crescer dois longos tentaculos allemães.

Da data d'esse artigo para cá, bem curtos tres mezes, assombrosa tem sido a carreira de criminosos desvarios que o paleo de Lisboa vem offerecendo ao mando a um tempo attonito e horrorizado. Um ministro revelando na sua profissao de carcereiro a sua alma de comitre de galés, outro prestidigitador de feira reduzindo milhares de contos d'um deficit com a mesma arte com que o Lingoek engulira espadas, senhoras passeiadas em carros cellulares pelo facto de serem senhoras, uma commissão official declarando de milhares de contos uma divida que uma arbitragem reduziu a 20, e o silencio d'esclavos com que assiste a tudo o grupo de individuos que se reune agora habitualmente no antigo Palacio das Cortes Portuguezas, todo esse espectáculo publico a um tempo barbaro e torpe, vem dia a dia produzindo a convicção fundada de que uma nacionalidade que não reage nem em si propria encontra o meio de sacudir tão oppressivo jugo, é d'aquellas que a historia sentencia de morte, pertencendo aos vivos liquidar-lhe a herança.

O annuncio official já está feito; já o publicou a Imprensa Diaria; já não é nenhum segredo d'Estado. Actualisou-se o Convenio anglo-allemao de 1898. Tal é a fórmula agora encontrada. Actualisou-se. Mas o que dispunha esse Con-

venio? A partilha do Ultramar africano portuguez entre a Gran-Bretanha e a Allemanha quando as circunstancias levassem Portugal a ceder essa gloriosa herança. A politica internacional d'El-Rei D. Carlos deveu o paiz nunca terem surgido as circunstancias que motivassem tal cessão.

Mas D. Carlos foi assassinado... e o Paiz deixou. Depois proclamou-se a Republica... e o Paiz deixou. Succedeu-se o Terror Carbonario... e o Paiz deixa ir. A Nação Portugueza tem um só direito colectivo, o de aguentar e callar, um só direito individual, o de ir parar á Penitenciaria. E lenta, mas seguramente, sobre a propria vida da nação, o terror vai chumbando a campa affrontosa do fim d'uma raça.

Então a Europa actualisou o Convenio. A Republica desenterrou o que a Monarchia sepultara. E dos confins do ceu tão carregado das nuvens do temporal, por entre o clangor de guerra que vem fazendo soar os clarins, as aguias vão apeitando o vôo sobre a prò lusitana. O Convenio renova-se applicado á actualidade. Um operador de partos que a Republica fez sentar na cadeira de ministro dos negocios estrangeiros, descobriu para ceder parte do Territorio Nacional, os legitimados direitos da Allemanha no Sul da Provincia d'Angola. E' sobre a Provincia toda que a Allemanha pretende agora legitimar esses direitos. Porque o Convenio não só reaparece, como torna a nova fórmula: Angola allemã, Moçambique para a Gran-Bretanha.

Não é isto um devaneio nem uma hypothese levantada contra o Regimen. E' esta a resposta unica dos homens d'estado da Republica. Depois do reconhecimento official dos seus legitimados direitos a Allemanha não tem largado de mão o assumpto. E ao passo que allí se declara aos interessados em negocios d'Angola que esperem pela proxima Soberania allemã, por outro lado ha já quem, tendo lá interesses, se prepare para essa eventualidade que é tida como segura.

E' de animo leve que a Gran-Bretanha a encára? Por certo que não. Mas tambem já reconheceu a necessidade de lhe abrir campo á expansão. E tem que entrar em linha de conta o que essa expansão tem de formidável.

Uma industria colossal, uma agricultura intensiva, um esforço militar sem precedentes, uma acção naval que em breve não terá superior, uma intellectualidade aggressiva e dominadora, fazem suffocar o Imperio entre os seus apertados limites europeus. Recem-chegada na politica ultramarina, o seu Imperio no Sudoeste ou no Leste africanos é de rendimento inferior e não absorve o excedente da producção nacional. E esta situação é por tal fórmula irreductivel que já arrasta aos armamentos militares o proprio partido socialista. Amanhã, com a partilha do Oriente, ella já lançou sobre a Asia Menor o brado faldico — *Onia nominos leo!*

Perante esse espectro, que não é uma sombra, em frente a uma ameaça nos seus mais vitais interesses, é do proprio interesse da Gran-Bretanha achar uma solução africana ao problema allemão. E' a Republica Portugueza que deter-

mina a Angola allemã. E' ali menos perigosa a presenca do capacete prussiano do que no flanco do Imperio dos Indios. A questão está posta, já chegou á Imprensa, e não são as negações do sr. Costa que alteram ou modificam os factos.

Só falta uma coisa. E' que o Paiz deixe. E' que o Paiz deixe fallir a Industria algodoeira. E' que S. Thomé deixe perder o recrutamento da sua mão d'obra. E' que os milhares de colonos e funcionarios portuguezes que da Provincia ou na Provincia vivem se deixem expropriar pelos allemães. E' finalmente que o Paiz olvidado do seu passado, renunciando á sua historia, castrado da sua energia, estenda os pulsos ás algemas da escravidão. *Ou estará elle já morto!*

Paris, 25-Fevereiro-913.

Ayres d'Ornellas.

Notas de um lisboeta

O presidente

Sabem quem dirige esse conselho, onde se apreciam e decidem as qualidades de energia, de illustração, de tactica, de saber profissional, de aptidão para o commando, dos officiaes que, por distincção ou escolha, hão-de ascender ao generalato? ... é o sr. José Nicolau Raposo Botelho, o ex-ministro da guerra do sr. D. Manuel, em 5 de Outubro de 1910...

(Do O Dia).

O conselho examinara as qualidades de tres ou quatro coroneis que ambicionavam o generalato, e o sr. Raposo Botelho a todos torcera o nariz, julgando-os pouco aptos, cada qual por seu motivo, para a elevada patente que pretendiam:

— Vocês bem veem, dizia o audaz general luzo aos seus collegas, é preciso ser rigoroso, porque, emfim, é indispensavel dignificar o exercito. O primeiro candidato, francamente, pareceu-me tolo... Aquella historia de dar a vida pela honra da sua farda, pela defeza da sua bandeira, pela gloria da sua Patria... Não... o homem era tolo ou não estava bom da cabeça... Talvez seja maluco... Vocês sabem... agora ha muitos romances... cousas historicas... lerias... e muito baratas... De forma que toda a gente lê, e lê tudo, sem escolher... Depois o resultado é este... dá-lhes volta ao miolo... e prompto... Emfim.

E o sr. Raposo Botelho fez um gesto como quem dizia que tinha muita pena, mas que a verdade era aquella. Depois continuou:

— O segundo... do segundo é melhor não fallar... porque... porque... esse então não sabia nada, pela palavra nada... Vocês bem viram quando eu lhe perguntei: *Então o que é que o senhor fazia se de repente lhe apparecesse o inimigo?* O que respondeu elle?... *Tolices...* Que fazia isto assim, se o caso fosse este; que fazia aquillo, se o ataque fosse d'aquella maneira... e mais

para aqui, e mais para acolá... E por mais que eu apertasse, por mais que eu insistisse o diabo do homem nunca foi capaz de responder o que tinha que responder, o que ha a fazer em frente do inimigo, isto é, que tomaria as providencias conducentes ao fim que se tivesse em vista! E queria elle ser general!... Ora adeus!... Não é verdade?

Calou-se Sua Senhoria um momento como que á espera da resposta dos seus collegas. E como estes se conservassem silenciosos o sr. Raposo Botelho proseguiu com ar melancolico:

— E o terceiro?... O terceiro fez-me pena... Um homem forte, illustrado, com uma boa folha de serviços... Mas que ideias, meu Deus!... que ideias!... Quando elle se me sahii com aquella ideia... Ai! como é que elle dizia?... Esperem... Ah!... *Tudo o official deve ser fiel ao seu juramento, etc., etc.,...* por allí fóra... Fez-me pena... E depois aquella historia... Ai! como era?... *Antes a morte que a deshonra...* Vejam lá vocês, que ideias... Se todos fossem assim nunca havia homens deshonrados... Perdia-se a honra... pum!... tiro... Coitado!... Este, francamente, fez-me pena... Conheci-o ainda rapaz, e, palavra de honra, nunca supuz... Emfim... cousas da vida... Talvez elle tenha tido desgostos...

E ficou-se pensativo. Depois exclamou: — Sim... mas desgostos tambem eu já tive... Ainda hontem... lá em casa. Imaginem vocês que a creada ao fallar-me não me chamou conselheiro... Tive de a pôr na rua... E isso desgostou-me... francamente desgostou-me. Eu não gosto de fazer mal a ninguém... E depois, o diacho da rapariga fazia um feijão frade que era uma delicia... Mas emfim é preciso que haja respeito... e pul-a na rua... Mas tive um desgosto a valer, palavra de honra...

Houve um largo silencio durante o qual Sua Senhoria pareceu recordar saudoso ou o official, ou a creada ou o feijão frade.

— O quarto candidato ainda assim era o melhor, continuou depois o sr. Raposo Botelho. Até certa altura respondeu bem... Repararam?... *O que faz o senhor quando avistar o inimigo?* perguntei-lhe eu. *Escondo-me,* respondeu elle. *E se o inimigo o descobrir?*... *Fujo...* Eu então para o entalar perguntei-lhe á queima-roupa: *E se o inimigo o apanhar?* Pois respondeu logo: *Rendo-me...* Até aqui foi bem... Mas depois, meninos foi uma desgraça. *E se o inimigo não der quartel?*... Vocês viram a resposta com que elle se sahii: *Dormirei ao ar livre...* Que disparate!...

E o sr. Raposo Botelho, levantando as mãos ao ceu, exclamou espavorido:

— E queria ser general um homem que não sabe que não dar quartel quer dizer *mata, esfolo, não estejas com machadas de fazer prisioneiros!*... Imaginar que não dar quartel quer dizer não dar casa para aquartelar o regimento!... E havia a gente de fazer general um homem d'estes!...

Depois, succumbindo, murmurou: — Já não ha officiaes... Já não ha...

Anselmo.

ECHOS

Um exemplo

A professora do Freixo, no concelho de Foz-Côa, dirigiu ao director geral da Instrução Primaria a seguinte carta:

«Ex.^{mo} Sr.—Maria Camilla Sobral, professora official da escola para os dois sexos da freguezia de Foz-Côa, tendo sido censurada pelo respectivo ex-inspector, em razão de ter ensinado a doutrina christã fóra das horas escolares, e como, devido á educação que teve e aos seus sentimentos religiosos, não pôde supportar de animo submisso que as suas crenças catholicas sejam offendidas, pretende ser exonerada do seu cargo; e assim—pede deferimento. Touça, 8 d'agosto de 1912—*Maria Camilla Sobral*.»

Está succedendo em Portugal uma cousa curiosa: As mulheres estão dando provas d'um desassombro e d'uma coragem que habitualmente se notavam só nos homens, e os homens estão demonstrando um espirito de intriga e de mexericos e de uma cobardia, que era, em geral, apanágio das mulheres.

Pois valha-nos isso... Que ao menos a Mulher Portuguesa salve a honrada fama de ativez e coragem de que gosava a raça portugueza, e que os homens não souberam manter.



Caracteres

Os *Ridículos* que tem tido numeros admiráveis de espirito e de razão, publicaram ultimamente um artigo que é primoroso e que temos pena de não podermos, por falta de espaço, transcrever.

Diz esse nosso illustre collega que uma das vantagens da mudança de regimen foi dar lugar a que se definisse o caracter de muitissima gente, desde os famosos monarchicos ferrenhos, aduladores da familia real e hoje republicanos intransigentes até aos catholicos, muito tementes a Deus, e que deram agora em *livre pensadores*.

Os *Ridículos* tem carradas de razão. A proclamação da Republica e estes tres annos que se lhe tem seguido, como já os dois annos que se seguiram ao regicídio, puzeram a claro o caracter de tanta gente, d'uma tão grande maioria mesmo, que nos parece que em Portugal só ha uma de duas coisas a fazer: ou mandar tudo para a costa d'Africa ou mandar por ao longe de toda a fronteira umas grades de ferro com a tubulêta... essa mesmo que o leitor acaba de dizer comsigo.



Almirante

Conta o nosso illustre collega o *Dia* que o sr. Nunes da Matta sempre conseguiu entrar no almirantado, continuando illegalmente na Escola Naval.

Folgamos sinceramente com a promoção de illustre senador.

A marinha portugueza de alguma forma é compensada assim da falta de navios.

Se os houvesse, claro está que muito pouca gente poderia alcançar altas patentes que implicariam responsabilidades graves perante o paiz e perante o thesouro.

Mas como não ha navios todas essas promoções são na marinha um pouco brincadeiras de creanças sem resultados de maior gravidade para o paiz, e portanto não vemos inconveniente que o sr. Nunes da Matta que tem estado a brincar aos senadores no palacio de S. Bento, passe a brincar aos almirantes na Escola Naval ou onde o quizerem collocar.

E' questão do paiz lhe pagar mais uns tantos mil reis por mez.

Isso não tem importancia.

O sr. Affonso Costa em menos de um phosphoro arranja uma economia que valha dez vezes esse augmento de despeza.



Errata... que o não é

Alguem nos communica não termos sido justo com o sr. Sarsfield quando na *Nota d'um lisboeta* do numero anterior dissemos que elle estava condemnando homens que tinham feito uma cousa que elle nunca soubera fazer: arriscar a vida pelos seus ideaes.

Ao que parece o sr. Sarsfield em 93 esteve nas campanhas de Africa e portou-se bem.

Pois n'esse caso ainda peor é ter-se agora portado mal.

Um militar que teve a honra e a felicidade de arriscar a sua vida pela honra e pela gloria da bandeira azul e branca, ao lado de Mousinho de Albuquerque, tem menos que ninguem o direito de se associar aos crimes dos que enxovilharam essa bandeira e a substituíram por uma outra que só pode symbolisar o 5 de Outubro, isto é, a traição d'um exercito e a cobardia de um povo.

Legação em Paris

O sr. João Chagas dirigiu ao *Intransigente* a seguinte carta que tomamos a liberdade de transcrever por mostrar que já o ministro em Paris começa dizendo em publico, a respeito de correligionarios seus, o que já de ha muito, sobretudo desde um seu famoso artigo n'um jornal republicano do Porto, contra elle diziam tambem correligionarios seus.

«Paris, 23 fevereiro 1913.

Ex.^{mo} Sr. Machado Santos

Envia-me um anonymo de Paris, um numero do *Intransigente*, de 15 de fevereiro, o qual insere a meu respeito um artigo tão transparente que facil me foi ver quem está por detraz d'elle. Esse artigo é inspirado, ou escripto, mas mais certamente escripto por um dos membros d'uma quadrilha que tem a sua séde no estrangeiro e se propoz ultimamente tomar de assalto a legação de Paris. Não sei até que ponto o senhor é solidario com este pensamento, mas na hypothese de que o não tenha attingido completamente, para elle chamo a sua attenção. O senhor está sendo instrumento d'uma vilania que não corresponde ao papel que os acontecimentos lhe dêram na historia do nosso paiz. Quanto á legação de Paris tenho empenho em fazer constar á quadrilha em questão, que não lh'a tomarei por muito tempo e que não é necessario, para que eu lh'a deixe vaga, emprender o seu assalto com uma navalha nos dentes. Por isso lhe peço o favor de dar publicidade a esta carta.

Subscrevo-me de v.

Att.^o V.^o

João Chagas.»

Não vimos ainda, no momento em que escrevemos estas linhas, o que a esta carta respondeu o sr. Machado dos Santos, nem tem importancia saber.

O que é importante é procurar saber quem são os membros da quadrilha que tem a sua séde no estrangeiro e que se propõe tomar de assalto a legação em Paris.

Para isso convem ver quem deseja ser ministro em Paris.

Que nos conste ha tres pessoas que ambicionam esse logar.

O sr. Magalhães Lima, que, vivendo habitualmente em Paris á sua custa e que sendo pessoa economica, deseja de ha muito viver lá á custa do paiz, e que já pretendia aquella legação quando o sr. João Chagas foi nomeado.

O sr. Lambertini Pinto que ajudou o ministro em Paris a fazer aquella tolice do pedido de expulsão de dois jornalistas portuguezes unicamente para ver se o encravava, no que foi mais esperto, o que é lamentavel, de que o sr. João Chagas.

E finalmente, o sr. Antonio Macieira, cujos amigos intimos alguns dias depois da sua nomeação para o ministerio dos estrangeiros escreveram para varios jornaes dizendo que elle, dentro em pouco, estaria na legação de Paris.

A qual dos tres se refere o sr. João Chagas? Não o sabemos.

N'outros tempos, quando o sr. João Chagas ainda não estava decadente, isto é, quando o sr. João Chagas era incapaz de fazer *gaffes* como as que tem feito agora em Paris, e quando era um lutador, liquidando as suas questões sem ser com encolher de hombros e com reclamações de expulsão, na carta que dirigiu ao sr. Machado dos Santos teria posto logo os nomes dos seus correligionarios a quem se referia.

Hoje já isso não succede e para saber quem são os taes republicanos que constituem a quadrilha a que se refere a carta, teriamos que ir perguntal-o aos creados do *Magie-City*, por serem quasi as unicas pessoas com quem se dá em Paris o ministro portuguez.

Pois que vá lá saber-o quem quizer, que pela nossa parte, olhamos que a cousa não vale o franco da entrada.



Administrador Brasileiro

A Republica protesta contra o facto de ter sido nomeado administrador do concelho de Amarante um cidadão brasileiro.

Não vemos motivo para o protesto, desde que a Republica não protestou contra a nomeação para ministro do sr. Bernardino Machado, que tambem é cidadão brasileiro, o que é muitissimo bem feito para que o Brazil se não possa rir de nós por ser cidadão portuguez o sr. Ferreira de Amaral.

E' certo que se tem contestado, mas sem razão, que o sr. Bernardino Machado seja brasileiro.

Todas as duvidas se hão-de porem dissipar, quando, restaurada a Monarchia em Portugal, a Republica Brasileira nomear o sr. Bernardino seu ministro em Lisboa... para assim se ver livre d'elle.



Espíões e traidores

Rocha Martins, que é um escriptór brilhante e uma bella alma,—o que faz com que não comprehendamos como o director das *Novidades* ainda o não poz a andar,—tem no seu interessante artigo *Vultos na sombra* esta phrase cheia de verdade: *O espíão é mais desprezível ainda que o traidor.*

Ora imagine o nosso presado collega como deve ser desprezível uma Republica que ha lá para as bandas do poente, em parte incerta, que, triumphante pela traição, se aguenta pela espionagem, isto é, uma Republica de traidores e de espíões!



Tratamento de excepção

O sr. Eurico de Seabra publicou agora um livro, de que só conhecemos alguns extractos publicados nos jornaes, a respeito dos jesuitas portuguezes.

N'um d'esses extractos publicado na *Patria* dá-se conta de cartas escriptas por um qualquer jesuita que celebra o bom tratamento que elle e os seus companheiros receberam do governo provisório, que lhes tornou quasi agradável e distraída a prisão que procedeu a sua expulsão, e nomeadamente do sr. Affonso Costa, que para elles teve palavras de carinho e cuidados e attentões que chegaram ao ponto de desejar saber que tal lhes corraera a viagem até á fronteira.

Na mesma *Patria*, que publicava o extracto a que nos referimos, se dera conta em numeros anteriores do tratamento especial que havia na Penitenciaria para um preso miguelista que fóra até dispensado de assistir á ultrajante cerimonia do capuz, na presença dos membros do governo.

Na mesmíssima *Patria*, que é orgão do Directorio Republicano, temos lido varias vezes, como o temos lido tambem em outros jornaes, que os jesuitas é que mandavam na Monarchia que lhes estava nas unhas e que elles é que *ordenavam* as perseguições aos republicanos, como n'esses jornaes varias vezes se tem fallado do *regimen miguelista* como symbolo da tyrania, da oppressão e da reacção.

Succede que não consta que aos padres perseguidos pela Republica e que foram lançados para as prisões por conspiradores e não foram expulsos por não serem jesuitas, os tenham tratado com qualquer deferencia, e antes muito pelo contrario se sabe que para com elles se tem sido d'uma revoltante e impiedosa crueldade.

Succede tambem que estando as prisões por esse paiz cheias de partidarios da Monarchia derrubada em 5 de Outubro, todos elles estão sujeitos ao mais cruel e indigno regimen, como succede tambem que todos os condemnados que estão na Penitenciaria, aparte a excepção apontada, foram obrigados a assistir á tal cerimonia dos capuzes.

Exposto tudo isto, parece-nos podermos tirar a seguinte conclusão:

A Republica tendo o dever, que só selvagens podem negar, de tratar todos os presos e todos os perseguidos com bondade, com attentões, com humanidade, emfim, entendeu só cumprir esse dever com os jesuitas, que, publicamente a reconheceram, e com miguelistas, como publicamente foi noticiado.

Ora como se dá o caso, já apontado, de dizerem os jornaes republicanos que foram os jesuitas os verdadeiros autores de todas aquellas perseguições de que se queixam, e ser o miguelismo o symbolo da reacção, o facto de só com os jesuitas e os miguelistas ter entendido a Republica cumprir os deveres de humanidade que a todos os governos, que não sejam de selvagens, se impõe, permite-nos esta conclusão:

A Republica é *jasuita* e *reaccionaria*.

E como nós não somos nem *jasuitas* nem *reaccionarios*, vamos a um numero antigo do *Mundo* e copiamos textualmente, mas em letra mais pequenina, copiamos os dizeres do titulo de um dos seus artigos contra um governo da Monarchia:

Abaixo o governo de jasuitas e reaccionarios!

E cá ficamos esperando as felicitações e os telegrammas de incitamento das varias comissões republicanas do paiz, que não deixarão de nos manifestar agora o seu applauso como então o manifestaram ao *Mundo*.



Desmentido

A *Lucta*, a proposito de Sua Alteza o sr. D. Affonso ter reclamado sem os especialisar objectos que lhe pertencem e que estão no palacio de Belem, diz que Sua Alteza quando recebia *adeantamentos*, não fazia contas, pedia o dinheiro, guardava-o na algibeira e estava tudo liquidado.

E' redondamente falso.

E se a *Lucta* quizer discutir com seriedade e com honestidade essa questão dos *adeantamentos* se demonstrará como está fazendo e tem feito, a respeito d'esse assumpto, afirmações que sabe perfeitamente serem calumniosas.

O sr. Soriano

Varios jornaes se tem referido ao sr. Soriano, aquelle republicano hespanhol que foi para a Galliza auxiliar na sua missão contra os realistas portuguezes que lá estavam, os espíões que o governo da Republica para lá mandara.

Não sabemos se o sr. Soriano ainda está em Lisboa e se continua recebendo no Avenida Palace aquellas visitas que segundo dizia o *Socialista*, jornal lisbonense, lhe levavam algumas notas do Banco de Portugal.

Não sabemos, mas achamos que é uma imprudência da parte do sr. Soriano receber taes visitas e sobretudo receber d'ellas dinheiro.

Um jornal estrangeiro disse ainda não ha muito tempo, que em Hespanha se preparava uma revolução republicana, cujas despesas seriam custeadas pelo producto de um importante emprestimo que, particularmente recommendado pelo directorio republicano portuguez, estava sendo principalmente subscrito em Portugal, e accrescentava até que uma casa commercial do Porto, tendo recusado tomar alguns titulos de tal emprestimo, fóra prevenida de que lhe poderia succeder algum desgosto:—primeiro, se não ficasse com alguns titulos do emprestimo, segundo, se não guardasse sobre o assumpto completo segredo.

Claro está que o tal jornal estrangeiro *mentiu*, como costumam dizer os jornaes republicanos quando se trata de uma inexactidão que os prejudica ou quando se trata de uma verdade que lhes não convem que se saiba.

Mas o facto é que o tal jornal estrangeiro disse isso e que o sr. Soriano commette portanto uma imprudencia, sendo republicano e sendo hespanhol, em receber visitas que lhe dão dinheiro, segundo conta o *Socialista*, quando não é verosimil que Sua Senhoria tenha vindo para o Avenida Palace, de Lisboa, dar consultas, pelas quaes receba remuneração e passe recibo, como não é, verosimil tambem que o dinheiro que lhe entregaram fosse o pagamento do auxilio que o sr. Soriano prestou aos espíões do governo portuguez na Galliza, pois estamos certos que esse auxilio foi prestado desinteressadamente e por simples amor da arte.

E é imprudente o que o sr. Soriano faz porque as pessoas que não conheçam o quanto Sua Senhoria é escrupuloso nos seus processos poderia o facto despertar suspeitas de que fosse verdadeira a noticia do tal jornal estrangeiro, dando isso logar a reparos e observações por parte do governo do seu paiz, com o qual hoje está em amistosias relações,—pois reconhece, como toda a gente, que o sr. Romanones é muito boa pessoa e muito liberal,—ao governo do paiz, onde são tão seus amigos que até lhe levam dinheiro aos hotéis onde se hospedar, quando o que sempre succede é que do paiz, que visita e onde não tem negocios, um estrangeiro sae, não tendo recebido, mas sim tendo pago contans nos hotéis em que se hospeda.

Não precisa o sr. Soriano dos nossos conselhos, e ainda que os precisasse nós não lh'os dariamos entre outros motivos porque nem o sr. Soriano os saberia aproveitar nem nós estariamos para perder tempo a dar-lh'os.

Mas damos um conselho áquelles que lhe levam dinheiro ao hotel.

E' que lh'os levem quando elle estiver no quarto.

Assim, se alguem ouvir lá dentro mecher em dinheiro, poderá suppôr que é o sr. Soriano que, em nome dos republicanos hespanhoes, está pagando alguma conta atrazada da revolução de 5 de Outubro, o que não sendo muito brilhante para os republicanos portuguezes, tem comtudo a vantagem de não constituir uma apparente confirmação tendenciosa da insidiosa, mentirosa e calumniosa, noticia do tal jornal estrangeiro, que decididamente não tem vergonha nenhuma n'aquella cara para que assim lance ao publico noticias tão preversas.



Mudança

O nosso illustre collega a *Nação* referindo-se ao seu illustre collega *A Capital* diz que essa folha *timbra por ser no nosso* (d'elles) *meio jornalístico um jornal de processos serios e honestos.*

Ha muito tempo que não lemos a *Capital* e não sabemos quem sejam hoje os seus redactores, nem os seus proprietarios e editores.

Tudo deve porém ter mudado de ha dois annos para cá, porque ha dois annos a *Capital* era um jornal absolutamente falho de seriedade que nas columnas publicava afirmações, que ella muito bem sabia serem calumniosas, e em que se pretendia diffamar e enlamear quem a *Capital*, muito bem sabia igualmente, ser pessoa de incontestavel e incontestada probidade.

A *Nação*, que é realmente um jornal serio, apparece agora com aquella referencia á *Capital*.

Devemos concluir que n'essa falha tudo mudou, com o que muito sinceramente folgamos e pelo que muito vivamente felicitamos esse illustre collega do nosso illustre collega a *Nação*.

Firmeza e convicção

O nosso illustre collega *Villarealense* ao celebrar o seu 34.º anniversario, pelo que vivamente o felicitamos, accentua, que o *Villarealense* é simplesmente o sr. Teixeira de Souza, e no dia em que esse senhor voltar á politica, a orientação do jornal será exclusivamente a que tomar o *insigne parlamentar*.

Devemos dizer que o *insigne parlamentar* é o sr. Teixeira de Souza. Como podem alguns dos nossos leitores nunca ter ouvido os discursos parlamentares d'esse senhor é conveniente o esclarecimento.

Achamos muito nobre a declaração do *Villarealense* que assim demonstra a independencia do seu espirito e das suas opiniões, pois é preciso que ellas sejam muito independentes para que assim possam hypothecar-se para todo e sempre ao espirito e ás opiniões de outra pessoa que não aquella que escreve o artigo.

Ficamos pois sabendo que o nosso illustre collega será monarchico se o sr. Teixeira de Souza o fôr, como será republicano se ao republicanismo o mesmo senhor adherir.

Não é por lisonja, pode crel-o o nosso illustre collega, que o dizemos, mas chegar aos 34 annos de publicação com uma tal firmeza de convicções que até só as mudará se as mudar o sr. Teixeira de Souza, é muito bonito, e leva-nos a felicitá-lo com mais enternecimento ainda pelo seu anniversario, fazendo sinceros votos por que o ultimo presidente de conselho da monarchia não mude muitas vezes de opiniões, para que o nosso illustre collega não tenha que as ir defendendo todas successivamente mudando de opiniões tambem, o que devia ser muito maçador.

Carta

Diz a *Lucta* que entre os papeis encontrados nas casas dos jesuitas ha uma carta do antigo director da *Palavra* dizendo que João Franco *dera ordem para facilitar o recenseamento de todos os monarchicos, exigindo todo o escrupulo acerca dos recenseados pelos republicanos.*

Se isso é verdade, e é muito capaz de não ser, o que demonstra apenas é que João Franco sabia bem a falta de escrupulos com que os republicanos faziam recensear a sua gente, auxiliados por autoridades que os protegiam, e não ignorava que era difficil conseguir que um monarchico fosse recenseado... quasi tão difficil como levar-o depois a votar.

Aquella maroteirasinha descoberta na freguezia dos Anjos, em Lisboa, onde havia 60 eleitores republicanos morando na mesma casa, e votando n'umas poucas de assembleas, era sufficiente para fazer recomendar muito cuidado com esses animaes... racionais é claro.

Roubos e extorções

A *Republica* gaba-se vaidosamente de que os deputados evolucionistas deram uma trepa no chefe do governo quando na camara trataram d'aquelle indecoroso caso do sr. Eusebio da Fonseca.

Fomos apressadamente ler os extractos d'essa sessão e o que n'elles vimos foi que tendo o sr. padre Sá accusado o governo de falta de escrupulos na administração dos dinheiros publicos, e tendo-lhe respondido o sr. Affonso Costa que lhes não admittia semelhantes accusações, todos os deputados evolucionistas na sessão seguinte se desfizeram em explicações accentuando que nunca lhes poderia passar pela ideia accusar um governo da republica de desonestidade e de falta de escrupulos. Quer isto dizer que a tal famosa trepa se resumiu... n'um pedido de desculpas e n'um *desavonement* do sr. padre Sá, que na realidade de outra causa não accusara o governo senão precisamente d'aquillo que os deputados evolucionistas humildemente declararam não lhes poder passar pela cabeça... não se lembrasse o sr. Affonso Costa de os prohibir de tornar a pôr os pés na Camara, o que os privaria do subsidio.

Mas n'essa sessão o que houve de mais interessante ainda foi o facto do sr. padre Sá dizer que na Monarchia os governos *roubavam*, e o sr. Antonio José d'Almeida no seu discurso ter dito, a médo, que o caso Eusebio da Fonseca representava uma extorsão ao thesouro.

Fallam da Monarchia, dizem que n'ella havia *roubos* e chamam *ladrões* aos monarchicos. Fallam da Republica, dizem que n'ella se fazem *extorsões* ao thesouro e chamam-se a si proprio *pessoas honestas*.

Temos pois que *roubo*, que é uma extorsão, não é uma *extorsão*, que no caso apontado é *roubo*.

Que admiraveis patetas que são esses evolucionistas!

Peor que o soneto...

O sr. Paulo Osorio, n'uma rectificação muito pittoresca á sua afirmação de que nos *boulevards* parisienses se vendia uma publicação monarchica em que se appellava para a intervenção de Affonso XIII em Portugal, tem a leviandade de afirmar que *sabe que a phrase «Antes Affonso XIII que Affonso Costa», é pronunciada com convicção por varios portuguezes actualmente residindo no estrangeiro.*

Com toda a franqueza diremos ao sr. Paulo Osorio, por quem temos uma grande admiração e uma grande estima, — e tanto que nunca lemos os artigos que escreve para o *Seculo* que é para fingir que não sabemos que cambalhoto da Monarchia para a Republica, — que não foi habil na sua rectificação, porque para evitar de dar com o nariz n'uma parede foi dar com o mesmissimo nariz n'um muro, o que para os effectos do choquo é a mesma cousa.

O sr. Paulo Osorio é intelligente e não pôde portanto ter deixado de comprehender que affirmando saber que portuguezes actualmente residentes no estrangeiro pronunciam com convicção, — como poude saber o sr. Paulo Osorio que era com convicção? — aquella phrase, se obrigou por dignidade propria, pelo respeito que a si proprio deve todo o homem de bem, pelo dever que todo o homem honrado tem de não lançar suspeitas infamantes e ainda por outras muitas razões, — se obrigou, diziamos, a precisar ainda mais a sua afirmação dizendo quem são esses portuguezes.

Dada a lucidez de espirito do illustre jornalista, sabemos perfeitamente que o sr. Paulo Osorio não pensará sequer em allegar que o seu character lhe não permitté expôr á execração publica e á reprovação geral os individuos que sabe terem dito tal cousa. E não pensará sequer n'isso porque ao seu character não deixará de repugnar que suspeita tão infamante pese sobre tantos portuguezes que no estrangeiro estão por motivos que o sr. Paulo Osorio não pôde bem comprehender, não por falta de intelligencia, mas pela mesma razão porque não comprehendeu que tendo sido jornalista monarchico d'um partido que honradamente affirmou sempre o seu lealismo á Monarchia, não podia passar a ser jornalista republicano o no *Seculo*, independente no *Dia*, e nem republicano, nem independente nas horas vagas.

Temos pois a certeza de que ao dar-nos a honra de ler estas modestissimas linhas, o sr. Paulo Osorio não tarda dois *Credos* em lançar mão da penna para escrever estas simples mas fulminantes palavras: *Os portuguezes que eu sei dizem com convicção que «antes Affonso XIII que Affonso Costa», são os senhores Fulano, Sicrano, Beltrano, etc.*

Fundo, é claro, em vez de *Fulano, Sicrano, Beltrano* e de *etc.*, os nomes dos cavalheiros em questão.

Isto, evidentemente, se esses cavalheiros não forem republicanos.

Porque se o forem, já ficaremos sabendo que foi geito que lhes ficou dos tempos das jantaras em Badajoz.

Convem não esquecer

A sr.ª D. Lucinda Ribeiro, que pertence á *Liga das Mulheres Republicanas* fez publicar na *Vida Nova*, jornal republicano de Vianna do Castello, se não estamos em erro, uma chronica politica em que *aponta*, diz ella, *as torpezas de homens que se dizem republicanos e que insultaram, maltrataram e brutalisaram torpemente, ignobilmente os conspiradores presos, entregues ao poder da justiça e que lhes deviam ser sagrados, porque essa justiça lá estava para castigar ou absolver.*

Convem lembrar, e lembrar-se-ha sempre, que esses presos que assim foram maltratados iam confiados á guarda de forças do exercito; que essas forças eram commandadas por officiaes, é que nem soldados nem officiaes evitaram essas aggressões nem castigaram os aggressores.

O leitor comprehende que se não deve deixar esquecer este pormenor. Ha cousas que definem uma epoca, uma corporação, um homem.

Esta é das que define uma epoca: a epoca gloriosa da Republica Redemptora.

Pena temos nós de não sabermos os nomes e de não termos os retratos dos officiaes que commandavam essas forças.

Teriamos muito prazer em publical-os

Resposta

Pergunta o *Socialista* ao sr. ministro do fomento: *Quando tem o publico o direito de conhecer o resultado da syndicanca feita á 5.ª secção dos Correios e Telegraphos?*

Respondemos nós ao *Socialista*: Quando, em vez de se terem apurado responsabilidades graves de republicanos, pertencentes á carbonaria de que é chefe o sr. ministro do fomento, se tenha conseguido atirar essas responsabilidades para cima de algum pobre empregado suspeito de *thalassismo*.

Galopins

Um jornal referindo-se a eleições na China diz que, se aquella republica precisar d'uma eleição fraudulenta, telegrapha para Portugal que de cá se lhe podem mandar os homens habeis do Peral e da Azambuja que estão para ahi á boa vida e dispensados do serviço.

O que esse jornal não diz é o motivo porque estão dispensados do serviço esses galopins do Peral e da Azambuja.

Toda a gente sabe porem que a Republica não precisa dos serviços d'esses homens, que aliás estão hoje republicanos, porque tem no sr. Antonio Maria da Silva, ministro do fomento, quem muito bem saiba d'isso de fraudes eleitoraes.

Sua Senhoria tem até habilitações documentadas pela condemnação a dois annos de prisão por fraude eleitoral quando administrador no concelho de Redondo.

Seria mesmo uma injustiça aproveitar as habilidades dos homens do Peral e da Azambuja, quando no governo está quem tão habilitado se mostrou em Redondo.

Vadio

O sr. Ezequiel de Campos fez na Camara dos Deputados a seguinte declaração que consta do *Diario das Sessões*: — *Tenho a declarar á Camara que não sou proprietario; não tenho de meu no futuro sendo sete palmos de terra de comprido e dois de largo para me enterrarem; que não tenho nem eira nem beira; que sou um perfeito vadio, mas isso me levará a mudar de vida em poucos dias.*

A confissão é feita com rude franqueza que não fica mal ao sr. Campos.

Não se deve porem desolar Sua Senhoria pois tem na grande maioria da Camara collegas cuja unica profissão é a de *deputados*, o que quer dizer que terminado o mandato, se os governos os não empregar até lá, voltarão a ser o que sr. Campos diz ser hoje.

Outros ha lá tambem que, como o sr. Campos, não *tem eira nem beira*, mas que tem a felicidade de tambem não terem *pau de fígura*, unico motivo, queremos erer, de ainda se não terem enforcado.

Pedidos

Rocha Martins, n'um dos seus excellentes artigos nas *Novidades*, diz que os monarchicos de valor só pedem á Republica que os acolha, saudosos da poeira da Arcada, e os que tem a perder só desejam não perder cousa alguma.

O illustre jornalista quer evidentemente referir-se aos taes monarchicos que andavam para ahi em combinações, uns com o sr. Affonso Costa, outros com o sr. Antonio José d'Almeida, para a constituição d'um partido monarchico.

A ideia d'esses monarchicos de valor era simples: A liquidação de tudo isto aproxima-se. Sem partido constituído esses monarchicos de valor não tem uma força de que disponham para... vender. Por isso, tentando illudir ingenuos, procuraram constituir esse partido, de que se fallou. Chegada a occasião, por *patriotismo*, ensarilhavam armas... e beneficiavam essas perbendas da liquidação.

Como com a Republica esses monarchicos... canhões, seguem precisamente o mesmo jogo que faziam com a Monarchia, na qual eram então... esquerdos.

Bem fez Rocha Martins em fallar d'esses monarchicos de valor separando-os em seguida dos que tem que perder, porque effectivamente aquelles nada tem que perder.

Nem mesmo a vergonha... que foi cousa que nunca tiveram.

PERFUMARIA FINA

PRAÇA DE D. PEDRO, 101
LISBOA

RECEBEU novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a côr natural; sortimento de elixires, pasta, pós dentrificos.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE 2:777

LISBOA

Julião Duarte Monteiro

No rol dos que vão partindo para o Além, mais o nome de um amigo, e dos mais queridos, temos a registar: Julião Duarte Monteiro.

A noticia cruel da sua morte foi para nós, como para todos os que mais de perto o conheciam, uma das mais dolorosas surpresas que temos experimentado.

Julião Monteiro era para todos os monarchicos, como para alguns republicanos, mais que um amigo: era um bom irmão sempre prompto a sacrificar-se por todas as fórmulas em auxilio de todos.

Se a sua familia perdeu um excellentes chefe, se os seus amigos perderam uma dedicação sem limites, Portugal perdeu, com o desapparecimento d'esse homem, um dos seus melhores cidadãos.

Quantos portuguezes devem á sua verdadeira heroidade a liberdade e até a vida!...

Quando a historia d'estes ultimos tres annos se fizer, Julião Monteiro terá n'ella um lugar brilhantissimo.

O seu funeral, realizado no dia 1 do corrente, foi uma verdadeira apothese. O templo do Carmo, onde se realizou, foi pequeno para comportar a multidão que alli se juntou a prestar-lhe a ultima homenagem.

Como Eduardo Sequeira disse, ao terminar o commovente discurso que pronunciou á beira da sepultura do nosso querido amigo, nós dizemos tambem: Descança em paz, amigo! E que o teu exemplo nos dê forças para esta grande lucta.

Nerminio Pereira da Silva Pinto

TORRES NOVAS

COMMISSARIO de VINHOS e AZEITES

Especialidade em vinhos tintos de 12 a 15 graus.

Compra e venda á comissão e de conta propria.

CIGARROS

Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano

A MARCA DE MAIOR SUCCESSO EM PORTUGAL

Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

Os bons tempos da tropa

A' porta do quartel

Passam diferentes raparigas e as *pracas da guarda* vão-se entretendo a dizer-lhes o seu dichote, mais ou menos apaixonado, é claro...

N'isto atravessa a rua uma rapariguita, muito escorridinha de peitos. Logo o competente *galanteio*...

O prateleiro, typo já muito sabido, com um registo disciplinar muito complicado!

— Olá ó rapazes... o que estão vocês a dizer á rapariga... Isto, mulher sem peitos é um regimento sem banda...

EPISODIOS DA PRIMEIRA INCURSÃO MONARCHICA

UM RASGO D'AUDACIA

Entrevista com o capitão João d'Azevedo Lobo



CAPITÃO JOÃO D'AZEVEDO LOBO

No plano da primeira incursão monarchica havia uma columna que, sob o commando do capitão Lobo de cavallaria João d'Azevedo Lobo, entraria pelas Beiras, em acção conjugada com a columna de Paiva Couceiro.

A impaciencia armou mal a columna de Couceiro e deixou sem uma espingarda a columna d'Azevedo Lobo.

Mesmo assim, sem uma caçadeira nem um espêto para distribuir ás povoações amotinadas, o capitão Lobo penetrou pela Beira-Baixa, atravessou a Beira-Alta, o Douro, Traz-os-Montes, percorrendo—com uma simples escolta de oito rapazes, oito bravos!—quatro provineias e cinco districtos! Essa incursão das Beiras é um tal rasgo d'audacia que por ella se vê já que a Galliza foi uma pagina de elevados sacrificios, um movimento servido por homens dispostos a todas as grandezas e a todos os riscos.

Entrou sem armas o capitão Azevedo Lobo a fronteira de Castello Branco, com o impeto, o arrojo d'um valente que se não deslembra de, simples alferes de cavallaria, haver estado ao lado de Mouzinho d'Albuquerque, no combate de Coalélla. Mas tivessem-lhe as circumstancias garantido um soffrivel municipio, e a incursão das Beiras, sem nada perder da bellezas da audacia, não seria apenas uma aventura cavalleiresca a sommar aos heroismos dos revolucionarios monarchicos—seria o triumpho.

João d'Azevedo Lobo não é nada o arcaico do farrabraz. D'uma magreza ascetica, o cabello prateado pelos quarent'annos, de marvotico tem apenas o bigode de longas guias. O corpo insignificante é o pretexto para uma alma de heroe. Um esqueleto onde de myologia não se poderia estudar mais do que inserções musculares, uma mascara d'amplo fronto, mento breve dos arrebatados, a bocca represando a impaciencia, e uma vontade forte domina a sua febrilidade, que apenas inquieta o olhar, um olhar negro e doce, olhar de commando, de cholera, de enthusiasmo, de fervor, olhar em que chammeja perpetua irreconciliação com a inacção.

Vimol-o em Madrid revoltado com a inacção, em Paris o encontramos agora com a mesma revolta a minal-o.

Homem aneando pela acção, o passado é sempre para elle assumpto pouco grato.

Para nos gosarmos da saudade é preciso parar, a revermo-nos no caminho percorrido.

A marcha para a gloria é feita de pupilla accessa, cravada na deanteira.

E' a differença entre o homem d'acção e o ascéta: a mesma fé, que em ambos ha, n'aquelle illumina a trabalhada treva das alvoradas, n'este vela o repousado crespuculo das horas idas.

Não foi, por isso, nada facil obter do capitão João d'Azevedo Lobo esta narrativa da sua incursão pelas Beiras.

Do governo da Lunda á Praça d'Almeida

Azevedo Lobo era um simples aspirante, sabido da Escola do Exercito, quando Mouzinho d'Albuquerque o convidou a ir com o seu esquadrão de cavallaria para a campanha de 1895. Foi mister promovê-lo a alferes, para o pôr em condições de aceitar o desvanecente convite. Mezes depois, o alferes Azevedo Lobo entrava, com o seu commando no Kraal do Gungunhana, a geração militar de 95 contava mais um valente, e a escola colonial que Antonio Ennes e o Heroe de Chaimite fundaram tinha mais uma experiencia capaz da acção continuadora dos mestres.

Na sua longa carreira ultramarina pequenos oasis teve no Reino; estava passando um d'esses periodos no commando d'um esquadrão da Guarda Municipal, quando aquella fraqueza de mando, que vinha d'alto a baixo, e já contaminara os chaveros de Marte, desgostou tanto o capitão Azevedo Lobo que se affastou para o Ultramar.

—E a 5 d'outubro onde estava?

—A governar a Lunda. A noticia da proclamação da republica...

—Perdão, perdão! Já agora dê-me uma idéa geral do seu districto. O que é a Lunda?

Uma riqueza que tem quatro vezes Portugal—aproximadamente 270.000 kilometros quadrados. E' um districto: deviam ser pelo menos tres. D'esses 270.000 kilometros quadrados está occupado apenas um quinto. Eu havia proposto a occupação do Estado de Cassange que é o que obsta á occupação effectiva do districto, porque os povos chamados Bangalas, ou Banglas, são muito aguerridos. O Bangla é mesmo o povo mais aguerrido. Não se parece nada com o resto da população nativa do continente negro. O Bangla é esvelto, agil, muito astuto, nobre, altivo, nada do escravo das outras paragens. Lembra os Vatus. Muito bem organizado, muito ciioso da sua independencia, derrotou em 1862 a columna do tenente coronel Casal, e d'ahi para cá o recio—da parte do governo central—, de novas expedições, tem-o conservado n'uma rebeldia constante, incitando os outros povos, sob a suzerania portugueza, a revoltarem-se tambem, o que tem creado difficuldades á occupação existente. Até hoje o concelho mais proximo dos Banglas, junto á fronteira, era o de Tallamungongo (folha os montes), reminiscencia da antiga feira portugueza de Cassange. Esse concelho é a negação completa de todo o systema administrativo. O Jaga de Cassange (chefe dos Banglas, era entretido pelo administrador do concelho com presentes de cachaça.

—O que?!

—E por instruções superiores! Isto de governar districtos embebendo os pretos é... original! Trabalhei para acabar com este vergonhoso estado de coisas, que se pôde chamar mais do que incuria—abandono e desordem. Imagine que, visitando o deposito de material de guerra, fui dar com uma metralhadora, novinha em folha. «Então, ha aqui uma metralhadora, e não se me diz nada?»—«Isto já para ahi está ha muito tempo. Chegou do Reino antes de V. vir, e como se lhe quebrou uma peça, guardou-se para aqui...». Havia falta de metralhadoras nos fortes, e uma boa metralhadora arrumava-se para um canto como uma cadeira a que se rompeu a palhinha. Dei ordem para a remetterem ao arsenal de Loanda, expediente de que aquella nossa gente se não lembrára. E tudo o mais assim era. Fartei-me de fazer relatorios minuciosos e documentados.

—E...?

—E, por fim, lá consegui que se assentasse n'uma expedição destinada a tornar effectiva a nossa occupação. Tinha tudo planeado, e cheguei a mandar construir um forte, por signal que d'uma maneira curiosa. Chamei o chefe do concelho á sede do districto e disse-lhe: «Vocemecê vae levantar-me uma palissada, como se fosse para curral de gado, n'um ponto a cavalleiro e

proximo da sua sede.» Dei-lhe as dimensões, e o homem lá foi. Depois, para ficar mais arranjadinho, mandei deitar terra, murar, pôr-lhe uma porta. Os proprios soldados, que se apresentaram lá como trabalhadores ajudaram, e, dentro de dias, o forte appareceu, com a sua metralhadora, guarnição, páu de bandeira, armado e municiado. Só assim, com argucia se pôde lutar com o Bangla, arguto e desconfiado. Se eu tenho dicto que ia construir um forte, os Banglas atacavam-me os homens antes d'elles terem a defeza, e eu, sem forças disponiveis, não podia proteger os trabalhos da fortificação. Era tal a convicção dos povos de Massongo (homens do Songo) que o governo portuguez não levantava ali um forte que eu recebi um officio do chefe do concelho de Tallamungongo, dizendo: *«cá está o forte. O espanto foi tal que tem aqui vindo, ver se é verdade existir o forte, as povoações em peso.»*

—E a expedição?

—Estava resolvida. Tinham-me até notado que eu pedia pouca força; queriam ver-me requisitar mais artilharia; mas eu bem sabia o que fazia, e conhecia bem o districto que não pisava pela primeira vez. Infelizmente, a revolta do sul d'Angola desviou as forças, e não se fez nada. Hoje não sei como estará a Lunda. N'aquelle tempo, os meus relatorios eram a reprodução da situação, das necessidades, e do esperançoso futuro economico que ali havia para Portugal. Não tenho aqui as copias dos meus relatorios, senão veria como a Lunda é um assumpto de apaixonar um patriota. Por mim, que não estive lá a receber mas a ganhar o que o Estado me pagava, interessei-me com o amor que todos os colonias do meu tempo votavam á Africa Portuguesa.

—Vejo logo para o Reino, após a Republica? Como deixou o governo da Lunda?

—Eu lhe conto: recebi, transmittido pelo governador geral o sr. major Roçadas, um telegramma do governo central (ministerio das colonias) que dizia: *«Proclamada Republica em Portugal sem effusão de sangue, por exercito, marinha e povo.»* A seguir, este outro telegramma do governador: *«ordem para proclamar no districto do seu governo novas instituições.»* Mandei lavar uma acta, sem manifestações, nem solemnidade de especie alguma, fechei a secretaria, onde nunca mais tornei a pôr os pés, e durante oito dias esperei ordens. Como nem do governo da Provincia nem do governo Central dessem signal de vida, apresentei-me em Loanda, donde embarquei para o Reino. Ao governador interino, o juiz da Relação Dr. Caetano Gonçalves...

—Mas, então, o major Roçadas, que tanto metro de panno vermelho gastou em festejar o advento da Republica, já não estava no governo da Provincia?

—Não, substituíram-o logo. Ao governador interino, juiz Gonçalves, hoje senador e a quem fez espanto ver-me ali, respondi: *«Pedi por telegramma a minha demissão, e, como não chegasse resposta, resolvi entregar o districto.»*

—E veio logo para Lisboa?

A tentação do Fausto cantada por um ministro do Governo Provisorio.

—Logo. Collocaram-me em cavallaria 7, aquartelada em Almeida, talvez o sitio mais frio e humido de Portugal, portanto o ponto menos proprio para mandar um homem que chega d'Africa, depauperado por viagens pelo Interior. Fui á Junta, e os quatro mezes de licença, que obtive, aproveitei-os para ser util ao meu Paiz, trabalhando pela restauração monarchica. Conspirei dia a dia, n'esses quatro mezes de Lisboa. Uma noite, estava n'uma rua da Baixa, passou o Brito Camacho, e, com aquella doce mansidão de mulher da Judéa, disse-me: *«O Lobo! você por aqui?!»*—«Imaginava que eu estava a fazer entusiasticos discursos adhesivos na Lunda?...»—«Não. Eu sabia que V. já tinha vindo, mas fazia-o em Almeida, e folguei em o ver aqui, porque supuz que já tivesse arranjado a transferencia.»—«Está muito enganado. Estou de licença da Junta. Não arranjei transferencia nenhuma.»—«Mas você, se o collocassem cá...»—«Você julga que eu sou como esses pulhas que para ahi andam a bajular-vos, e de que vocês mesmos devem ter nojo?»—«Bem sei. Mas, digo eu, se se lhe arranjasse uma transferencia cá...»—«O que você quer dizer na sua é: se eu estou disposto a vender-me? Transferencia d'um lugar mau para um lugar bom, não ha sem o interessado a pedir. E eu, á republica, não peço nada. Você queria que eu lhe dissesse que aceitava. Não accetto coisa nenhuma. Quanto se me acabar a licença, vou para Almeida, como vou para o inferno, na certeza de que em Lisboa, em Almeida ou no inferno, eu serei sempre um inimigo vosso.» O ministro do Provisorio despediu-se esfogueado, a correr para o conselho de ministros, e eu, quando se me acabou a licença, fui para Almeida.

A indisciplina da praça d'Almeida. Um commandante com medo dos soldados.

—Foi d'Almeida que sahiu para Hespanha?

—Foi. Quando cheguei a Almeida e me

apresentei ao commandante da praça e do regimento—o tenente-coronel Rocha Teixeira—, tive a impressão de que o homem, que eu já conhecia, mas sómente dos cavacos do Martinho, não era um fura-paredes mas devia ser uma boa pessoa, mais bonacheirão do que marcial, mas emfim um bom homem, com quem me não daria mal. Eu commandava o 1.º esquadrão. O regimento estava, como todo o exercito republicano, n'uma indisciplina de que cõraria um chefe de mangas de qualquer sobado do interior africano. Ora eu é que não estava nem estive disposto a subcrever essa indisciplina. Acima de tudo, das paixões politicas, dos principios, das sympathias de regimen, eu, official do exercito, colloco a disciplina do exercito. E, assim como sou incapaz de permittir um affrouxamento de disciplina para alliciar soldados, sou tambem incompativel com qualquer passividade perante a indisciplina, em nome d'esses serviços das praças ao novo regimen. Succedeu que um cabo do meu esquadrão incitou as praças a uma insubordinação: o não levantar do rancho que é a expressão elementar das insubordinações de caserna. Uma praça amassou a marmita, as outras não levantaram a comida, e eu procedi.

—Como?

—Mandando metter o cabo, cabeça de motim, no calabouço. Mas aos meus principios de disciplina pareceu o caso tão grave que, considerando não ter na minha alçada meios bastantes para dar o merecido castigo, communiquei a occorrença ao commandante, tenente-coronel Rocha Teixeira, para elle proceder. Sabe o que fez o commandante, tenente-coronel Rocha Teixeira? Mandou tirar o cabo do calabouço, e levantou-lhe o castigo, sem sequer m'o communicar. Quando, depois d'isto, cheguei á sala de janitor dos officiaes, e dei com o commandante, tenente-coronel Rocha Teixeira, metteme tanto nojo que não me sentei á mesa, e sahi. Como vem acontecendo com todos os officiaes que não tremem de medo ante o soldadinho carbonario, parece que o meu nome foi indicado ao papa negro do ministerio da guerra, porque não tardou a vir o inevitavel telegramma, chamando-me a Lisboa. Mas simultaneamente eu adoei, e um medico civil e o medico militar não me reputaram em estado de me levantar da cama. Assim passei dois mezes. Até que, como choviam os telegrammas do ministerio da guerra, a requisitar-me, assim que me achei melhor e com forças para montar a cavallo, mandei arrear duas montadas, uma para mim, outra para o meu sargento, e deixei Almeida, indo parar a Salamanca, e de lá a Madrid, onde nos conhecemos. Agora um episodio curioso: tempos depois fui preso e mettido no calabouço d'Almeida, um homem accusado de ser monarchico e conspirador. Chama-se Pessoa, e está agora em Paris. O cabo commandante da guarda á cadeia, perguntou ao preso: *«Então você veio preso por conspirador?»*—«E verdade que sim.»—«D'aqui d'Almeida, contou o cabo da guarda, tambem foi para Hespanha um official; era até o commandante do meu esquadrão, o capitão Lobo. Não era má pessoa, mandou-me metter no calabouço, mas a bem dizer... elle tinha «vezão», mas o nosso commandante tem medo da gente, e levantou-me o castigo!»

A incursão das Beiras

—E depois que o deixei em Madrid, o que foi feito de si? Conte lá essa odyssea da incursão das Beiras.

—A 26 de setembro de 1914 chegava a Monforte, depois de ter ido a Bilbao, muito contra minha vontade, por calcular que não arranjaría lá armas; a 27, de manhã, o capitão Jorge Camacho entregou-me uma carta do commandante Paiva Couceiro, encarregando-me de tomar a direcção do movimento das Beiras, em substituição d'outro camarada. N'esse mesmo dia parti, com José Frões, escolhido para me coadjuvar, para Ciudad Rodrigo, onde entrei com a manhã de 28. Ahi encontrei Tavares Prouença e por elle tive conhecimento de que ainda não havia uma arma. Segundo as indicações da carta do capitão Paiva Couceiro, eu devia entrar a 30 ou no dia 2 d'outubro, se recebesse um telegramma dizendo: *«Estou bom.»* Tavares Prouença poz-me immediatamente ao facto da organização revolucionaria do districto de Castello Branco, e verificou-se que, com um minimo de 200 armas, a victoria era infallivel.

Dei dois telegrammas para Madrid: um ao bacharel Alberto Pinheiro Torres, outro ao Domingos Megre, pedindo-lhes que me arranjassem as armas que a seu cargo estava arranjar-me. Não contente com isso, despachei um proprio com uma carta para o sr. Pinheiro Torres: em que pelo amor de Deus supplicava armas, fôs-em de que qualidade fôssem. A noite trouxe-me a resposta de Pinheiro Torres: que estava tratando do caso. Mas a 29, á noite, chegava o dr. Domingos Megre e declarava-me que era impossivel arranjar armas, dentro do prazo indicado. Resolvi entrar custasse o que custasse, e, no dia seguinte, pelas 11 da noite, partia com Tavares Prouença, Antonio Graça e José Froes, para Hoyos. O Megre resolvera voltar a ver se conseguia algumas armas, embora para uns dias depois. Eu, em todo o caso, expedira mais telegrammas

a Pinheiro Torres, pedindo-lhe que respondesse para Hoyos. Imagine o meu estado de espirito, sem uma arma, absolutamente inutilizado, e vendo como tudo o mais se dispunha bem. Demais a mais, não recebera o telegramma combinado, e estava portanto persuadido de que no norte tinham entrado a 30. Na madrugada de 2, chegam a Hoyos: Luiz Rebello Valente, o D. Luiz Lencastre, o dr. Francisco Cruz, e o «Alma-Grande» que se haviam alistado para entrar commigo. Finalmente, a 3 d'outubro — a 3! — recebi um telegramma do sr. Pinheiro Torres...

— Dizendo?...
— Estas palavras d'Extrema Unção: «Humanamente impossivel, sinto muito». Era o termo de qualquer esperança: não tinha uma arma. D'ahi a pouco outro telegramma do Megre: «Couceiro entrou hontem, a guarnição de Vianna do Castello adheriu».

— N'esse dia ainda o Couceiro estava no acampamento de Lubiam, donde ia para o acampamento da se ra da Sanabria, donde, então, entrava em Portugal, de 4 para 5, com direcção a Bragança, onde o Lima não nasce nem deságua.

— O Megre transcrevia um telegramma de Madrid.

— Bem sei
— Muito surprehendido que o capitão Paiva Couceiro tivesse entrado a 2, sem eu ter recebido telegramma que d'isso me avisasse, expuz aos rapazes a situação: «eu recebera a missão de levantar os povos das Beiras; ficaram de me mandar armamento, e nem uma caçadeira, nem uma fígua, nem uma fígua; eu não deixava por isso de cumprir, como podesse, a minha missão, pois que quando aceitava qualquer missão, em que houvesse risco, tive sempre por norma ir até ao fim. Que eu ia para a fronteira e para Portugal, mas n'aquellas condições os destigava de qualquer solidariedade.» Os oito rapazes, oito portugueses de lei, responderam unanimemente que me acompanhariam até ao fim, succedesse o que succedesse. E sem pensar em mais nada do que em secundar o movimento iniciado pela columna de Couceiro, que eu suppunha já nas margens do Douro, parti com Tavares Proença, Manoel Vaz Preto, Francisco Cruz, Luiz Rebello Valente, D. Luiz de Lencastre, Antonio Graça, José Fróes, e o «Alma Grande», direito á fronteira.

E é então, n'esse extenso trecho da narrativa que vae desde a hora a que oito temeridades, commandadas pelo capitão João d'Azevedo Lobo, se põem a caminho da fronteira Sul de Castello Branco, até que vinte e tantos dias depois transpõem a serra, para se reinternarem em H spanha, é então e ahi que se vê o que póde a decisão e a coragem d'um punhado de valentes. Paginas dramaticas em que a todo o momento se lhes depára a morte, e a prisão, ellas excedem os mais recuados limites d'um numero de jornal, e impõem á imotividade do leitor a trégua necessaria para escutar o resto d'esta narrativa, emocionante, rica de enredo e de lances, dos mais bellos episodios que o caracter cavalheiresco dos portuguezes tem vivido e feito acção.

Descancem, pois, e preparem os corações.

Joaquim Leitão.

SEMANA MUNDANA

FAMILIA REAL

Sua Magestade El-Rei D. Manoel que se havia dignado acceitar a eleição como socio de honra com que a Royal Geographical Society, de Londres, votara a sua admissão, assistiu no dia 24 de fevereiro á sessão solemne convocada como preito de homenagem á memoria do commandante Scott, da Armada Real Britannica, e dos companheiros d'este que perderam a vida no regresso da sua expedição ao polo sul. Aberta a sessão e antes de proferir o discurso commemorativo o presidente, Lord Curzon of Kedleston, antigo vice-rei das Indias, referiu-se em termos elevados á honra que Sua Magestade conferira á Royal Geographical Society acceitando a sua eleição e dignando-se acompanhar os seus novos consocios na commemoração d'aquelle acontecimento que, simultaneamente, registava um grande feito e uma grande perda para a Inglaterra e para a humanidade. El-Rei agradeceu o cumprimento em termos adequados que muito captivaram a assistência.

— Sua Magestade El-Rei D. Manoel tomou parte, no dia 26 de fevereiro, em um banquete de 24 talheres que o Rei de Inglaterra deu em Buckingham Palace, ao qual assistiram, entre outras pessoas, os snrs. marquezes do Lavra-

dio e de Soveral e os embaixadores da Russia e da Austria-Hungria. El-Rei D. Manoel acompanhou o Rei de Inglaterra, depois do banquete, a um grande concerto de amadores de musica.

— Sua Magestade a Rainha D. Amelia honrou com a sua presença, no dia 24 de fevereiro, a Royal Amateur Art Society inaugurando a exposição annual d'essa Sociedade onde adquiriu alguns objectos e distribuindo as medalhas aos artistas premiados. Sua Magestade a quem os assistentes fizeram um acolhimento muito carinhoso e que a todos deixou captivados com a sua conhecida gentileza foi almoçar depois com a duquesa de Somerset, directora da duquesa, no palacio ducal de Grovesnar-Square.

QUADROS Á PENNA

Havia já um bom pedaço que a creada tentava acolchetar o vestido novo da Emilinha.

Successivamente a rapariga puzera-se de pé, ajoelhara-se, voltára-se para a esquerda, inclinára-se para a direita, e não conseguira nada.

O marido olha, interessado primeiro, trocista depois. Por fim, levanta-se:

— Deixe lá isso, Justina... Eu acabo de vestir a senhora...

Emilinha sorriu, feliz, desafogada.

— Ah! sim... Esta rapariga já me estava contendendo com os nervos.

O marido deita fora o cigarro, aproximase, solta os colchetes já presos, e começa a tarefa:

— Em cima primeiro aconselha Emilinha.

— Deixa-me cá... Verás como eu arranjo isto depressa.

Em qualquer outra occasião Emilinha complicaria as cousas, mas n'aquelle momento — talvez porque vagamente se sente em poder do marido — não responde nada.

— Ha primeiro o corpete debaixo. Viste?
— Vi, sim... Mas está quieta... deixa lá agora o cabelo. Se te mexes assim, não ha meio...

O marido falla com auctoridade, — uma auctoridade de que habitualmente não se utiliza. Mas n'esse momento sabe-se indispensavel, e então aproveita-se, cobardemente. Sente tambem um certo orgulho em fazer aquillo mais depressa e melhor que a creada de quarto. Por um triz que se não volta para o lado da creada a dizer, com fingida modestia:

— Vê?... Não é nada difficil.

Mas a creada de quarto, que é afinal creada para todo o serviço, já se foi para a cozinha.

E e le continua na tarefa. Ha o corpete de baixo, depois ha umas fitas, para ajustar, e ha colchetes supplementares, e ha outros que, velhacamente, se occultam entre as rendas... Mas elle vae seguindo, pausadamente, methodicamente, e a cada momento espera que Emilinha, maravilhada, lhe manifeste a sua admiração.

Emilinha pergunta:

— Encontras?

— E' claro que sim...

E continua. Emilinha começa a dar alguns signaes de impaciencia. Só faltam dois... Só falta um... Prompto!... E o marido indireita-se:

— Acabei... Está bem?

Emilinha olha-se ao espelho por cima do hombro.

— Está muito bem.

O marido senta-se de novo, accende outro cigarro e declara:

— Tambem a cousa não era tão difficil como isso. Eu sou um homem, nunca acolchetára esse vestido, e comtudo não levei quasi nenhum tempo.

Quería cumprimentos, o tributo de admiração satisfeito a que lhe davam direito a sua habilidade e a sua complacencia. Como que uma vaidade o invade, o orgulho das coisas futeis desperta n'elle mil recordações da sua vida de rapaz e como que um vago desejo de confidencias. Como Emilinha não diz nada, elle observa:

— Eu dava uma boa creada de quarto. De resto esse vestido não é difficil de acolchetar... Ha alguns que são tremendos...

— Ah! sim... Mas os meus são sempre muito simples...

— Sim, os teus, mas n'outros tempos conheci dois ou tres... Era preciso ser-se um artista...

Falla ainda...

Emilinha imperceptivelmente irrita-se. Como está com pressa, não responde nada, digna-se mesmo sorrir aquella evocação da vida de solteiro.

Elle continúa fallando sempre... Dir-se-hia que ella o não ouve...

Mas amanhã, mas hoje mesmo, ao voltar para casa, a proposito seja lá do que for, de nada mesmo, resposta fulminante a qualquer timida observação d'elle. Emilinha atirar-lhe-ha á cara, — pois, sem o parecer,

não perdeu uma unica das suas palavras.

— E' claro... A ellas fazias-lhes todas as vontades... a essas mulheres que te faziam acolchetar os vestidos, como se não houvesse creadas para isso!

E elle então, o imprudente, torcerá a orelha... sem deitar sangue.

M. Level.

UM POUCO DE TUDO

— Está em S. Paulo, Brazil, o sr. D. Miguel d'Assis Mascarenhas (Sabugal e Obidos).

— Teem estado no Porto os snrs. Visconde, de S. Gião.

— Vindo do Norte, já está em Lisboa o sr. Conde de Avillez.

— Já está no Funchal a senhora D. Luiza Grande de Vasconcellos.

— Acompanhado de sua filha, está em Pau, onde fixa residencia o sr. Dr. Manuel Paes de Sande e Castro.

— Parte segunda-feira para Paris a senhora Marquiza de Tancos.

— Tem estado em Pizi, Italia, o sr. Carlos Moser.

— Já regressou do Norte o sr. Conde Caria.

— Está em Lisboa o sr. D. Vasco Maria Cabral da Camara (Belmonte).

— Da sua viagem ao estrangeiro regressou hoje a esta cidade M^{me}. Aurora Reis proprietaria do Salão Parisienense, estabelecimento de chapéus de senhora á Galeria de Paris.

— Realizou-se antes d'hontem na egreja de La Concepción em Madrid, o baptisado de um filhinho da senhora D. Elisa Sellés Villas-boas e do nosso amigo e antigo collega do «Commercio de Barcellos» Dr. Joaquim Paes de Villas-boas.

Do neóphito que recebeu o nome de Joaquim, foram madrinha, sua tia-avó paterna, e padrinho seu avô materno.

CONCURSO HYPPICO

— Está marcada para amanhã a festa hyppica no Campo do Bessa, Porto, que está despertando bastante enthusiasmo.

PASSOS MANUEL

— N'este elegante cine, tem havido sessões, aos sabbados, muito animadas.

O serviço militar

Ha certas ideias, que, como as epidemias, fazem a sua appareição, tem o seu periodo agudo, decrescem depois e quando a gente mal dá por isso... passaram á historia.

E, quando, passados annos o investigador curioso vae constatando da sua existencia durante uma certa epocha, da sua influencia maior ou menor sobre a misera humanidade, não se póde furtar a um sorriso quasi de commiseracção, quasi de incredulidade, e a dizer:

— Ora parece impossivel, como estas cousas tiveram força...

E' o que se está dando com a reduccção do tempo de serviço na fileira. Quasi vae a passar á historia!

E, cousa curiosa, já hoje se ouve fallar sem que isso pareça uma heresia ou uma desconchavada tolice, na permanencia a longo praso na fileira: 4, 5 ou 6 annos...

Isto é, já se reconhece que para se ser bom soldado é preciso tempo.

Quem o havia de dizer aqui — não digo mais... — ha dois annos!

Outro facto não menos curioso. E' de França que partiu a ideia da reduccção do tempo de serviço. Vae a Europa qua- si em peso — a terrivel influencia do febrão, o periodo agudo da *malariae*... — segue a França. Vae a França (agui-

lhoad a bem o sabemos principalmente pelas deficiencias de effectivos provenientes de fraca natalidade) augmenta a permanencia. Vae a Europa em peso — ver-se-ha... — passa-lhe o febrão e volta á longa permanencia na fileira.

A epidemia vae pois a passar. E temos ainda a doce e consoladora esperanca de que será em nossos dias, que voltaremos a ver soldados a valer, de *verdad*...

Soldados de *verdad*?!

Sim! Porque nós nunca consideramos soldados — na nobre, na completa acceção do termo — isso que para ahi vemos e que, por mal dos nossos peccados, fomos vendo, desde que viemos para a tropa.

Formar um bom soldado é uma cousa tão complexa — diziam-nos isto nos tempos *ominosos*, desde os bancos das escolas — que de forma alguma se comporta nem com dois annos no serviço do activo, quanto mais com cinco semanas de balão, perdão, de instrucção.

Muito embora essas cinco semanas... (lá ia o balão) sejam judiciosamente completadas por *manobrinhas* e *guerrasi-nhas* de «repetição», em que morrem (de susto) muitas lagartas, em que se ouvem muitos silvos de apito, muitas vozes imperiosas «Oh! rapaz olha que estás a atirar para as nuvens» e... em que tudo volta ás suas casas, radiante, satisfeito e... sabendo tanto como d'antes...

Não! Ser um bom soldado, formar um bom soldado — não é nada d'isto!

Não é nada d'isto! Diziam-nos nos tempos *ominosos*, que a base de toda a instrucção do soldado era a *instrucção individual*.

E esta *individual* visava não só a preparacção moral do recruta, como a instrucção theorica nas casernas, como os preliminares da tatica de taboleiro e exercicios de brillantura (que digam o que quizerem são indispensaveis para se conseguir o aprumo inherente a todo o *trouper*, que se preze), como, e muito principalmente, a instrucção de campanha propriamente dita.

Escolas pequenas, bem enquadradas, recomendavam os regulamentos — aquelles estupidos regulamentos dos tempos *ominosos*.

E recomendavam tambem que se procurasse ministrar ao soldado *individualmente* o maior espaço de tempo possivel, o que elle precisava de aprender.

E nomes, que eu já envolvo n'uma grande saudade (sem preoccupações da politica que sigam porventura) como os que foram meus commandantes de regimento e de companhia, não se cansavam de nos repetir, que o soldado, como uma creança, é preciso *educar* com desvelo, instruido methodicamente com cuidado, de modo a obter d'aquelle magnifica materia prima, tudo quanto d'ella se deve obter.

E não é só duratê os mezes de recruta, que o soldado *aprende*. As palavras *prompto da instrucção*, significam tão sómente que a materia em *bruto* está desbastada, prompta a ser trabalhada, burilada e aperfeçoada.

E, para isto, 3 annos não são de mais.

Um soldado d'infanteria deve ser um sufficiente atirador — logo precisa d'uma cuidada instrucção preliminar de tiro e de avaliacao de distancias. O soldado precisa de saber o que é *marchar, estacionar e combater*, nos multiplos detalhes que estas palavras encerram na sua significação tatica e de campanha. O soldado precisa d'uma solida educacção moral e d'um grande espirito de corpo.

O que tudo isto se não comporta é com *vias reduzidas*...

Como aspirante a official servi em Mafra — como era estúpida praxe dos tempos *ominosos* — uns oito ou dez mezes. Dez mezes de constante instrucção, em que o soldado não era distraído de *forma alguma* para fóra da instrucção. Trabalhava-se e trabalhava-

va-se, pôde dizer-se de sol a sol, a valer, sempre ou quasi sempre no campo. O soldado sahia preparado no essencial, isto é, *prompto*... para no anno immediato continuar a proceder, continuar a praticar e ainda no outro seguinte, que não seria de mais.

Havia pessoal em abundancia: officiaes, aspirantes, sargentos. Por consequencia as *escolas* regulamentares de 8 a 9 individuos.

A fazer *mecher* aquelle mundo todo, officiaes, como o capitão Peixoto, o lendario *Normal*, que é bem uma honra da infantaria portugueza e que amava a instrucção do soldado, como se ama uma filha...

E o soldado não sahia completo. Precitava ainda de aprender e aprender muito.

Depois vinhamos para os corpos eramos promovidos a alferes e logo na primeira incorporação, a que assistiamos, era uma miseria! Falta de pessoal graduado, escolas enormes, um horror!

Em infantaria 2, durante um tempo (a instrucção era por companhias) estive sóinho na instrucção. Sargentos não havia. Cabos não havia. E n'esse anno a minha companhia — a 2.ª do 1.º — recebeu os retardatarios, galuchinhos que iam cahindo ás pinguinhas, hoje um, amanhã outro, etc... Escusado será dizer que, apesar de toda a minha boa vontade, e como não tinha o *dom de ubiquidade*, os pobres *retardatarios*, postos de lado, perdidos lá ao fim da parada, agora instruidos por um, amanhã por outro, logo pelo cabo quarteleiro, depois pelo fachina das luzes, que eu quasi implorava para irem dar umas *vozezinhas* áquelles desgraçados... ficaram n'um lindo estado...

Chamavam-lhes no regimento os *filhos das hervas*...

A instrucção de dois annos pois não chegava, como não chega aqui em França, como eu vi que não chegava em Hespanha, como não chega em paiz algum do mundo.

Mas se a instrucção dos dois annos não chegava nem com pouco pessoal, nem com muito pessoal — o que fará a tal decantada *miliciania*, de via reduzida.

Deve ser maravilhoso! Eu calculo e sei bem como ella se dá...

O pessoal cada vez mais reduzido, escolas enormes, tudo a marche-marche, de *pé no estribo*, como o arabe, porque é preciso que se diga que os *meninos* aprendem bem e depressa, porque é preciso ter exercitos de *n+1* mil homens...

Eu sei bem, como isso se faz. Estive

4 annos, quasi consecutivos na instrucção das 2.ªs reservas e conheço bem, como se preparavam *clarinhas* para o *Quo Vadis* final. Oh! se sei...

A nossa infantaria deve estar cousa fresca...

E' uma infantaria da qual se poderá dizer, como aquelle impedido dizia, dos actores, que representavam n'um beneficio a que elle tinha ido com bilhete dado pelo patrão:

«Saberá Vossoria que lá para *paizanas* não trabalham mal...»

Aqui vêm-se nomes como os dos generaes Michal, Tréméau, Lacroix, Bonnal, Duchesne, a appoiar a these patriótica do general Maitrot, mostrando a verdadeira necessidade de se voltar ao serviço de tres annos. Não é só, podem crer, pela questão da natalidade. E' porque vêm que em menos de tres annos não se instrue, a sério, um soldado. E' porque além de *grandes effectivos* a França precisa ter *solidos effectivos*, cheios de cohesão.

Ainda hoje o general Michal conta o seguinte, a respeito do fallecido general Hagron, e que vae na propria lingua para não perder o sabôr:

«Ce chef éminent, de grand caractère, de haute conscience, ne jugea pas pouvoir conserver les responsabilités, qu'il avait envisagées jusque-là avec la plus confiante tranquillité d'esprit, lorsque en 1907, le Parlement obtint du Gouvernement le renvoi anticipé de la classe faisant à ce moment sa troisième année de service. Il se démit de ses fonctions qu'il eut pu exercer encore pendant plus de deux années.»

Não admira: O general Hagron era um espirito retrógrado e cheio de obscurantismos...

Mas a França vae sacudindo o seu torpôr, que lhe custará a vida, se o não sacudir de vez... E os signaes no Ceu não enganam: as influencias eleitoraes passarão certamente para segundo plano, perante os 800:000 germanicos, que se preparam *au de là des Vosges* para o gigantesco *Drang nach Westen*...

Tenente Saturio Pires.

Republica e Monarchia

Como «Emanipador do Individuo», poderia theoreticamente o regimen republicano, sem heresia doutrinaria, ter-se apresentado ao Povo. Como «Salvador da Patria», nunca.

Visto que o desenvolvimento logico, dos principios fundamentaes republica-

pariga que julgasse poder privar o seu semelhante do prazer diario de a desejar. Para ella um dia que se passasse sem que sobre a frescura do seu rosto ou a opulencia do seu seio sentisse ardentemente pousado um olhar, faiscante de desejos, ou era um dia sensaborão, como que uma *sandwiche* sem mostarda, uma sessão da Camara sem chifrim, um artigo do *Mundo* sem injurias, ou um discurso do sr. Antonio José d'Almeida sem tolices, quer dizer, era uma cousa anodyna, incaracteristica, sem cunho.

A Chica era naturalmente preversa, d'uma preversidade expontanea, inconsciente, quasi. Nascêra assim, e assim seria quer toda a vida passasse na solidão austera de um claustro ou no tranquillo isolamento d'um casal em meio da serra, quer toda a vida sirandasse nas reuniões pacatas de meia duzia de familias burguezas.

Aquella convivencia com as numerosas primas e os infinitos primos que as Pamplonas lhe tinham descoberto quando, depois da morte do pae, a tinham ido buscar, em memoria da mãe, ás patuscadas do club do Paço d'Arcos, apenas tinham feito com que tomasse o aspecto de *propósito*, o que na realidade era *instincto*.

Nenhuma responsabilidade, nobrememente aqui o attesto, cabia pois aos primos e ás primas, cantadoras de *fado* nas *soirées* elegantes e heroínas de brejeirices escandalosas nas praias *chics*, na preversidade da Chica. Aquillo n'ella era do sangue, como umas borbulhinhas que algumas vezes lhe appareciam na ponta do nariz e como aquellas furias que de vez em quando a atacavam e que a levavam a chamar estu-

pidas, vae desembocar, directa e fatalmente, na dispersão das energias, e na inconsistencia e na instabilidade da acção dirigente, — conforme os acontecimentos o estão demonstrando, — em vez de procurar, — como a Salvação publica o requer, — a mutua conjugação, e reunião, das forças nacionaes, — tão varias d'intensidades, tendencias e côres, — n'um unico raio branco, — manejava e dirigivel sobre os objectivos da politica geral, — como são manejavaes e dirigiveis, sobre os alvos do tiro, os projectores luminosos dos modernos navios de guerra.

Isto no terreno da discussão, segundo o espirito das instituições.

Na pratica, existem, sem duvida, republicas para todos os gostos, desde as antigas do Rio da Prata, Paraguay, e outras do Novo Mundo, com a sua historia accidentada de agitações, tyrannias e violencias, até ás da Suissa e Estados Unidos da America do Norte, cujo liberalismo civilizado ninguem se lembraria de contestar.

A Suissa, todavia fez-se com suissos que se não decretam. E, semelhantemente, os Estados Unidos nasceram de uma colonização especial, onde a difficil aprendizagem do «Self-government» ponde exercer-se em boas condições de meio. O Brazil, pelo muito que nos toca de perto, e por outras circunstancias especiaes, deixal-o-hemos para outro dia.

O que é facto é que, d'um modo geral, pôde affirmar-se que o regimen democratico não tem feito a felicidade das raças latinas na America. E verifica-se mais que as epochas de paz, com as prosperidades annexas tem correspondido, em varios casos, ás iniciativas fortes de Presidentes, que assumem por autoridade propria, poderes de Reis, ou d'Imperadores. Haja vista Porfirio Dias, e o seu governo na republica federal do Mexico, desde 1876 até 1911.

D'onde, — salva a minoria das excepções, — poderia concluir-se que o regimen republicano só funciona bem, do outro lado do Atlantico, quando toma para si um certo numero de regras e de formas d'essencia monarchica.

O que afinal não é mais do que a traducção americana, sob um outro aspecto, do phenomeno, corrente na Europa, de acabarem as republicas pelo regresso á monarchia, como succedeu á republica ingleza do seculo XVII, á franceza do seculo XVIII, e ás republicas franceza e hespanhola do seculo XIX.

E' que já Voltaire dizia:

«On peut assez longtemps, chez notre espèce, Fermer la porte à la raison, Mais dès qu'elle entre avec adresse Elle reste dans la maison, Et bientôt elle en est maitresse».

pidas á tia, que o era, burro ao irmão, que tambem o era, e imbecil a mim, que o não era, como de resto o prova o ter a Chica casado com o primo Noronha.

A tia quando a via n'aquellas furias, encolhia os hombros, resignada, e limitava-se a dizer:

—Ai! filha és tal qual a tua mãe!

E quando ella dizia isto tinha-se a impressão de que o seu espirito fugia em busca do espirito do senhor seu mano, vagueante em parte incerta, para n'elle encontrar o conforto e a consolação que lhe permitissem aturar com paciência a sobrinha tudo aquillo que o mano aturára em vida á mulher.

Não pudera nem quizera pois a Chica passar o inverno em Cascaes, mas logo que o irmão tinha umas ferias ou que em Cascaes se realisava qualquer festarola com que as protestantes entendessem arejar o espirito recolhido por demasiados dias successivos na passividade do seu protesto, lá marchava a Chica para Cascaes, com o Cazuzu, a tia, e... claro está... o Anselmo, este desolado Anselmo, que sempre embirrou com Cascaes e que recordava saudoso, sempre, as pagodeiras do Club d'Arcos, nos bons tempos em que toda a colonia ia á estação ver o sr. Petra Vianna, de chapau alto, metter-se no comboio para Cascaes a cumprimentar Suas Magestades porque tinha chegado, partido, feito annos, adoecido, melhorado ou tornado a adoecer, e o sr. Hygino de Mendonça que tinha sempre á mão a farda de grande gala, não lhe fizesse o sr. Petra Vianna a partida de cumprimentar Suas Magestades mais vezes do que elle.

E a França actual não escapa a essa mesma ordem d'ideias. Antes da recente eleição Poincaré, publicou o «Temps» uma longa serie de cartas politico-historicas, que são significativas por reflectirem uma grande e poderosa corrente d'opinião publica.

A republica franceza é democratica d'espirito, parlamentar d'estructura. E funciona por fórma que se tornou ficticia a regra fundamental da Separação dos Poderes, resultando a preponderancia do parlamentarismo.

«Sombras de Governo», — diz a critica, — occupam o logar do executivo. E o proprio poder judicial, — salvas honrosas excepções pessoaes, — encontra-se purificado pelo methodo republicano, que é como quem diz, escravizado ao poder politico dominante.

Effectiva-se, em resumo, a concepção jacobina da «Convenção» omnipotente, e, ao absolutismo de um rei, substitue-se o absolutismo de muitos pequenos despotas, absorventes e sectarios.

E o bom senso, e o instincto da conservação, começam a despertar, e a sentir que no alto da abobada lhes falta uma chave, isto é, um chefe, que desempenhe, de facto o papel de quarto Poder, superior e regulador, representando, — não um regimen, — não os partidos d'esse regimen, — mas a propria Patria, e o conjunto dos seus mais altos interesses, collectivos e vitaes.

? Mas como é que um Presidente pôde satisfazer devidamente a esses pontos de vista, se os proprios classicos da litteratura politica dizem que «o chefe eleito (o Presidente da Republica), representando, elle mesmo, um partido a que deve tudo e cujo auxilio lhe poderá ser necessario ainda depois de terminada a sua magistratura, se torna, naturalmente, em face d'esse partido, muito antes um instrumento, do que um guia, tanto mais que, sob a fórma republicana, não são, em regra, os homens de primeira eminencia que ascendem á hierarchia suprema».

E ao defeito da «dependencia» accresce o da «instabilidade», envolvendo consigo a quebra do seguimento na directiva dos negocios, e o enfraquecimento das sancções da responsabilidade, e dos incentivos da actividade, inherentes á permanencia.

Reparem os leitores no exemplo da Inglaterra por ventura o mais livre dos paizes do mundo. Reparem no seu poder crescente sob a dynastia do Hannover, apesar da relativa insufficiencia d'alguns dos membros d'esta. Reparem, sobretudo, no papel contemporaneo da Rainha Victoria, e do Rei Eduardo VII, — exercendo, dentro dos seus direitos

Esses dias em Cascaes não me divertiam nada.

A Chica todo o dia se agarrou ás amigas aos segredinhos e todas as noites á sahida do Sporting, que tinha um aspecto triste de palacio deshabitado onde os donos tivessem ido passar alguns dias, me impingia uma enorme quantidade de medalhinhas que as amigas lhe affirmavam ser indispensavel á causa que toda a gente uzasse, o que eu já começava a desconfiar ser esper-teza de algum commerciante desejoso de compensar por alguma forma a diminuição da venda de luvas e de rendas, apoz a proclamação da Republica.

Alem d'isso em Cascaes a Chica não me fallava á noite, e eu, saudoso da janella do rez-do-chão de Lisboa ficava-me muitas vezes a olhar as janellas do segundo andar em que ficava o quarto do hotel em que ella se hospedava n'aquelles dias de convivencia com as incompativeis que n'aquelle exilio a meia hora da cidade e comboyos de vinte em vinte minutos affirmavam altivamente a sua fidelidade ao regimen cahido.

Felizmente a Chica não aguentava e por muito tempo aquella estopada e passados alguns dias regressava de novo a Lisboa, onde então, ás noites, me era dado ir acompanhando com beijos na sua bocca adoravel, o fado, com variações da *Portugueza*, que n'uma guitarra, n'uma taberna proxima, um fadista qualquer tocava, exactamente como, ás vezes, no club de Cascaes, a Micas Noronha, n'uma guitarra tambem, dedilhava o mesmo fado, mas com as variações do *Hymno da Carta*.

Anselmo.

12 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

EM CASCAES

Depois da revolução um grande numero de familias da roda da Chica tinham resolvido ficar em Cascaes, como pretexto contra o facto da cidade de Lisboa ter proclamado a Republica.

A Chica viera para Lisboa, não porque approvasse o procedimento incorrecto da capital do reino, mas porque o Cazuzu, que estava atrazado nos estudos, não só por ser muito estúpido, mas tambem por ser muito mandrião, precisava estar perto do lyceu cujo professorado tinha a seu cargo fazer entrar n'aquella cabeça o conhecimento de todas as cousas necessarias para que elle no futuro pudesse ser... um amanuense com o curso de direito ou de engenharia.

Além d'isso a Chica não se sentira seduzida com a perspectiva d'um longo inverno passado nas ruas tortuosas de Cascaes, longe do bulicio da cidade, tendo a admirar-lhe a graça do seu sorriso, o brilho dos seus olhos, o vermelho dos seus labios e o airoso das suas ancas, a meia duzia de homens, que, por economia, por *snobismo* ou por... medo, passariam ás tardes pela alameda da cidadella ou pela estrada da Bocca do Inferno a sua ociosidade.

A Chica, creio já tel-o dito, não era ra-

constitucionaes, uma influencia, tão discreta, como absolutamente salutar e benéfica, sobre o andamento das causas publicas, — attentos, vigilantes, sollicitos, trazendo, por assim dizer, para o cume de toda a machina politica, uma condensação pessoal do proprio povo inglez, collocado de sentinella á gerencia dos seus interesses.

Reparem e concluam.

E, depois de concluir, quiçá nos seja possível objectarmos respeitosamente aos illuminados apóstolos do demagogismo maçónico portuguez, que afinal, a monarchia hereditaria talvez possa considerar-se uma forma de governo doutrinariamente defensavel. E que, talvez mesmo, dando elles licença, se possam reunir, sem grandes arranhadellas reciprocas, as qualidades de monarchicco, e de patriota ferrenho.

Isto em theoria.

Porque, se encarassemos o concreto de Portugal, as conclusões teriam d'ir um tanto mais longe.

Teriam d'ir até ao ponto de affirmar-lhes que, — se ha hypotheses em que esse problema da escolha de regimen pode realmente dar occasião, justificada, a um debate comparativo, conforme succedeu na *democratica* Noruega, — ha outras hypotheses em que o debate contradictorio nem chega a ter cabimento.

Porque ha hypotheses em que a monarchia apparece como uma *função necessaria*. Por exemplo, quando se trata de pôr limites aos excessos de uma anarchia que ameça subverter a existencia de um Paiz.

Não sei se nos fazemos comprehender.

Apesar de não estarem n'esses casos, os noruegueses resolveram-se pela monarchia. Visto que *nós o que queremos* (explicava uma carta publicada no «Temps» de 18 d'Outubro de 1905) *é uma situação internacional, amizades estrangeiras que deem sahida á industria, e desenvolvimento aos negocios. Um principe dinamarquez no throno, é a amizade ingleza, e a amizade dinamarqueza, asseguradas, é a neutralidade allemã, é uma corte em Christiania, são capitaes inglezes, é uma monarchia vigilante pela dignidade nacional. E o desejo de tranquillidade vem juntar-se a esses outros motivos.*

Assim pensou a *democratica* Noruega, muito embora se não encontrasse na tal hypothese particular, em que a monarchia apparece como uma *função necessaria*.

E nós que pensaremos?

Henrique de Paiva Couceiro.

AS CADEIAS DA REPUBLICA

Padre Avelino de Figueiredo

Os vencidos de 1910 tem soffrido em vinte e nove mezes o que os seus adversarios não soffreram nos vinte annos que veem de 1890 até á escalada do poder.

Grandes, maiores em tudo, os monarchicos tinham direito a essa grandeza na desgraça.

Nestes vinte e nove mezes tem-se sacrificado interesses, carreiras, vidas.

Todo o sacrificio, todo o soffrimento é respeitavel.

Mas o que mais nos commove, e que faz a tristeza nossa inseparavel companheira, é o martyrio dos presos.

O stoicismo com que têm supportado o carcere a penitenciaria, os enxovalhos, as cobardes aggressões ao passarem de cadeia em cadeia — tanta vez narradas pelos jornaes *gross bonets* da republica —, a illegal perseguição de longos e negros mezes de detenção, sem culpa formada, a nobreza, a serenidade, a dignidade do soffrimento eleva

os presos monarchicos, de todas as categorias sociaes, ás lendarias proporções dos martyres da idéa.

D'essa martyrologia destaca-se, como decano dos perseguidos e exemplo do heroismo no soffrimento, o Padre Avelino de Figueiredo.

O primeiro a experimentar a *liberdade* que a republica implantou em Portugal, o Padre Avelino de Figueiredo foi dos ultimos a ser pronunciado a ser julgado, embora dos primeiros a ser condemnado pelo odio sectario dos seus carcereiros.

Desfilaram pelos tribunaes civis e marciaes accusados de duas tentativas de contra-revolução; encheram-se e esvasiaram-se as enxóvias de todo o paiz, umas poucas de vezes; houve prisioneiros que entraram a Penitenciaria de Coimbra, emigraram, voltaram, foram outra vez presos, encarcerados na Penitenciaria de Lisboa, affiançados, — e o Padre Avelino de Figueiredo sem sequer ser pronunciado.

Dois annos, dobados dia por dia, se arrastaram assim para o primeiro e o maior dos martyres, dois annos em que o carcere é nada comparado com a crueldade dos carcereiros.

Admiramos, mas não nos surpreendeu a resistencia moral d'este homem; do que ainda não paramos de surpreender-nos é da resistencia physica que o Padre Avelino de Figueiredo tem encontrado para o seu martyrio, vivendo a noite dos segredos, a vigilia visquenta dos ratos que lhe disputam a agua e o pão secco, o pesadélo dos subterraneos alagados da infiltração dos esgottos, praticando para a cegueira, para a tuberculose e para a loucura.

Os mutilados do campo de Chaves soffreram menos; acabaram mais depressa, e sem a ameaça da loucura.

Na cabeça do rol dos Martyres de Hoje sempre fôra nossa intenção escrever o nome do Padre Avelino de Figueiredo.

A nossa homenagem tinha de começar por elle, que foi quem começou a prelibar o martyrio.

Estavamos na pungente tarefa de reconstituir este sagrado livro d'ouro dos tormentos dos presos monarchicos, quando nos ennevoou a vista e o coração uma carta do Padre Avelino de Figueiredo, dirigida á *Revista Catholica* de Vizeu.

Não queremos esperar pelo momento, que não vem longe, de começarmos esta galeria das *Cadeias da Republica*, para transcrever este dignissimo e commovente documento:

«...Rev.^{mo} Sr. e meu presado amigo

Limoeiro; «grupo A» 15-2-1913.

Acabo de ler na *Revista* uma referencia á minha humilde pessoa, o que eu muito reconhecido venho agradecer a V...

Fui condemnado em pena maior que a maior parte d'aquelles que pegaram em armas contra a republica, com a aggravante de ter perdido a saude em dois annos de prisão, que não são levados em conta!...

No julgamento patenteou-se a minha completa innocencia, o que não impediu que as *chafaricas* atheias me condemnassem.

Sou um presidiario com a coragem e sangue frio preciso para supportar os horrores que no futuro me esperam.

Poderá a minha saude, já bastante abalada, não permittir que cumpra toda a pena; mas d'isso não tenho eu culpa.

Do que V. pode ter a certeza, é que eu saberei morrer e cumprir o meu dever até ao ultimo momento da minha vida. O meu espirito está tranquillo e calmo; sem um desajustamento, sem uma tibieza, sem um remorso.

Alguem tinha de soffrer para bem da patria e da religião. Coube-me por sorte ser o escolhido. Deus seja bendito!

Discipulo e ministro de Jesus, n'elle irei haurir forças para a grande lucta, e d'elle tirarei a resignação e a coragem, que levou tantos santos ao martyrio.

Os meus amigos e conhecidos, que não me chorem; não o mereço; mas que fiquem scientes, que ninguém actualmente soffreu tanto e tão atrozmente, como eu; no entanto o sorriso nunca deixou os meus labios, a alegria nunca pôz escriptos no meu coração.

Os meus julgadores ficaram confundidos com a serenidade do meu espirito e das minhas respostas. Como n'essa occasião me lembrei da condemnação de Jesus!...

Para nada faltar, havia a plebe ignara e in-

fame, que até trazia os *bonets* na cabeça dentro do tribunal!...

Quando se fizer a verdadeira historia do presente, ver-se-ha muita cobardia, muita traição, muitos julgadores com responsabilidades eguaes ás dos reus; mas sobresahirão, por honra da justiça, alguns caracteres, embora poucos, de primeiro quilate e dignos de ser imitados nos seus sacrificios, na coragem e resignação.

Uma unica coisa eu lamento — meu pobre pae, de quem eu era o sustento, que vae morrer de fome. Deus assim o quiz, cumpra-se a sua vontade.

Dê por mim um abraço ao Alfredo, faça d'esta o uso que quizer, e creia-me seu amigo,

muito obrigado e creado

Padre Avelino de Figueiredo.

Toda a elevação que a desgraça e a conformação com o soffrimento pode inspirar a um homem e a um sacerdote se contem n'essas laudas.

Na historia politica d'este periodo, na historia mesmo da litteratura, essa carta do Padre Avelino de Figueiredo hade ficar junta a outros trechos em que se sente a alma humana a ser feliz por ter privado com as sublimidades do soffrimento.

Acatamos o voto do Padre Avelino de Figueiredo aos seus amigos e conhecidos: não o choramos.

Respeitamo-lo.

A nossa commoção não a podemos, porém represar quando chegamos á sua unica lamentação: o pobre pae de quem o Padre Avelino de Figueiredo era o sustento.

Como não somos ricos, temos a comprehensão de todos os tormentos dos pobres, e sabemos por isso que esse homem, que só tem pessoalmente pena se não tiver vida para ir até ao fim do seu martyrio, — uma unica consolação nos acceitará: que lhe digamos que o seu velho Pae não morrerá á fome.

Deu-nos o Padre Avelino de Figueiredo a alegria de encontrar forças para supportar o muito que a sua pena lhe promette, mas que será nada comparado com o que já soffreu, e parece-nos que será preciso, que em Portugal não haja quem tenha coração e caracter para que seu Pae haja de morrer á fome.

J. L.

Carta de Lisboa

No tribunal militar especial onde, á hora em que escrevo, estão sendo julgados como conspiradores, tres cavalleiros conhecidos e estimados em todo o paiz, distinctos todos, cada um na esphera da sua acção social, tem-se repetido com uma insistencia reveladora do estado anarchico em que se encontra a capital, scenas curiosas que os jornaes pormenorizam a proposito do depoimento das testemunhas de accusação. Por esse facto, pela situação individual de cada um dos reus, e especialmente pela justa fama forense e politica que illustra o nome de dous dos advogados, os srs. drs. Cunha e Costa e Alexandre Braga, a verdade é que o publico tem hoje a attenção presa d'essas audiencias, aguardando com manifesta anciedade o seu desfecho.

As peripecias succedem-se n'um crescendo assustador. Começaram com a má vontade dos accusadores em responder concretamente ás perguntas dos advogados, continuaram com a intervenção extemporanea e condemnavel do publico, n'uma attitude hostile á defeza, e foram até á ameaça pessoal, á sahida do tribunal, sem que apparecesse sombra sequer de repressão policial. Quer dizer: mais uma vez se accentua o modo senão a conviencia das auctoridades n'esses desmandos sempre condemnaveis, e que entre nós tem assumido por vezes aspectos criminosos. E á furia facciosa da jacobinagem ameçadora já nem escapam os antigos idolos, e o sr. dr. Alexandre Braga se hontem sahio

ainda illeso da espera que lhe fizeram, tem de se acautelar de futuro, e de se defender sósinho, porque não encontrará por certo no estado actual da sociedade portugueza quem o proteja e o defenda.

A rua para a qual algumas vezes appellou o seu verbo inspirado, ahi a tem, rugindo improprios, vociferando injurias e brandindo bengalas e armas contra a sua liberdade e contra a sua intelligencia! Ahi a tem, tal qual ella é! E quando no silencio da sua banca de advogado recapitular o seu passado politico, e se desvanecer da sua obra, lembre-se de que para a victoria dos principios que preconizava, de nada servirão nem a sua palavra quente, nem o seu talento tribunico, nem a sua obra parlamentar, porque — lá lh'o disse um sujeito que ninguem conhece e naturalmente o illustre advogado muito menos — a Republica fez-se com o trabalho d'elle e não com o seu. Nada de illusões!

E quanto á intervenção do publico nos debates do tribunal, não é caso para S. Ex.^a se incomodar, porque esse publico não faz senão seguir o conselho que ainda não ha muito lhe deu um talentoso deputado — que o sr. Alexandre Braga conhece — de intervir nos debates do parlamento. Console-se, que não tardará muito que o passem, apesar desse conselho, a cathetoria já respeitavel de Talassa, onde ha muito enfileirou o seu colega Cunha e Costa!

Mas muito mais serio do que essa intervenção, muito mais grave ainda do que as respostas irreverentes das testemunhas de defeza, são, quanto a nós, algumas das declarações feitas em pleno tribunal a juizes militares, reproduzidas depois nas notas tachygraphicas dos jornaes sem que ahi agora nem a policia nem o tribunal tenham intervido, investigando factos criminosos como os descobertos por essas declarações. Não haverá outro paiz, por certo, onde fosse permittida impunemente essa ameaça constante á imparcialidade de juizes que tem de dispor do futuro de homens honestos e respeitaveis! Revelou-se a existencia de uma sociedade secreta com armas envenenadas para se desfazer de adversarios! Preconizou-se como systema de castigo, o adoptado por Severiano Peixoto! Chegou-se ahi a recomendar a chibata de preferencia ao tribunal militar! Tudo isso se disse, tudo se fez, sem que ninguem tenha sido chamado á responsabilidade d'essas revelações que em toda a sociedade bem organizada representam pelo menos uma intenção criminosa! E diz-se e faz-se isto, symptoma da mais perigosa de todas as tyrantias que é a tyrania de todos e de cada um, certa da impunidade, n'um regimen constitucional, que se apregoava de liberal, e que tem por lemma irrisorio a egualdade e a fraternidade.

Quarta-feira, 5

Raul

P. S. — A's testemunhas de accusação seguiram-se até de madrugada ás de defeza. Muitas são pessoas insuspeitas para o regimen, e os seus depoimentos tiveram o merito de ser precisos e claros. Houve ainda, entre os antigos denunciadores, quem pretendesse negar as suas proprias declarações anteriores, o que forçou um official do exercito, de patente superior, a dizer para o Presidente do Tribunal: — «Um de nós, mente; entre os dous V. Ex.^a escolherá.»

O que no entanto ficou consignado, como precedente peor de que os depoimentos dos policiaes, em tempos que já vão longe, é que um sujeito pôde fingir-se amigo de outro, trahir-lhe os segredos, para depois o denunciar. D'antes isto tinha um nome muito feio. Hoje chama-se dar provas de bom cidadão.

Raul.

N. R. — Os reus foram absolvidos.

